CAOS
Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares

Hakim Bey

Sumário

Este livro foi lançado pela Conrad Editora do Brasil – 2003.
Tradução de Patricia Decia & Renato Resende
www.conradeditora.com.br

Versão digital baseada em uma cópia do livro publicada pelo CMI:
http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/12/296700.shtml

Esta versão foi revisada de acordo com o original em inglês disponível em:
http://www.hermetic.com/bey/taz_cont.html

Setembro de 2007.
http://catarse.co.nr/hakimbey/

(Dedicado a Ustad Mahmud Ali Abd al-Khabir)

Capítulo 1

Caos: Os Panfletos do Anarquismo Ontológico

1.1 Caos

O Caos nunca morreu. Bloco intacto e primordial, único monstro digno de adoração, inerte e espontâneo, mais ultravioleta do que qualquer mitologia (como as sombras à Babilônia), a original e indiferenciada unidade-do-ser ainda resplandece, imperturbável como as flâmulas negras frenética e perpetuamente embriagada dos Assassinos[1].

O caos é anterior a todos os princípios de ordem e entropia, não é nem um deus nem uma larva, seu desejos primais englobam e definem todas coreografia possível, todos éteres e flogísticos sem sentido algum: suas máscaras, como nuvens, são cristalizações da sua própria ausência de rosto.

Tudo na natureza, inclusive a consciência, é perfeitamente real: não há absolutamente nada com o que se preocupar. As correntes da Lei não foram apenas quebradas, elas nunca existiram. Demônios nunca vigiaram as estrales, o Império nunca começou, Eros nunca deixou a barba crescer.

Não. Ouça, foi isso que aconteceu: eles mentiram, venderam-lhe idéias de bem e mal, infundiram-lhe a desconfiança de seu próprio corpo e a vergonha pela sua condição de profeta do caos, inventaram palavras de nojo para seu amor molecular, hipnotizaram-no com a falta de atenção, entediaram-no com a civilização e todas as suas emoções mesquinhas.

Não há transformação, revolução, luta, caminho. Você já é o monarca de sua própria pele – sua liberdade inviolável espera ser completa apenas pelo amor de outros monarcas: uma política se sonho, urgente como o azul do céu.

Para lograr abrir mão de todos os acentos e hesitações ilusória da história, é preciso evocar a economia de uma Idade da Pedra lendária – xamâs e não padres, bardos e não senhores, caçadores e não policiais, coletores paleoliticamente preguiçosos, gentis como sangue, que ficam nus para simbolizar algo ou se pintam como pássaros, equilibrados

[1] O autor refere-se aos Hassasin ou Hassisin ("consumidores de haxixe"), membros de uma seita islâmica secreta que durante as Cruzadas emboscavam líderes cristãos. Eles agiam supostamente sob a influência de haxixe, daí seu nome. Ver página 12 (N.T)

sobre a onda da presença explícita, o agora-sempre atemporal.

Agentes do caos lançam olhares ardentes a qualquer coisa ou pessoa capaz de suportar ser testemunha de sua condição, sua febre por *lux et voluptas*. Estou desperto apenas no que amo e até o limite do terror – todo o resto é apenas mobília coberta, anestesia diária, merda para cérebros, tédio sub-réptil de regimes totalitários, censura banal e dor desnecessária.

Avatares do caos agem com espiões, sabotadores, criminosos do amor louco, nem generosos nem generosos nem egoístas, acessíveis como crianças, semelhantes a bárbaros, perseguidos por obsessões, desempregados, sexualmente perturbados, anjos terríveis, espelhos para a contemplação, olhos que lembram flores, piratas de todos os signos e sentidos.

Aqui estamos, engatinhando pelas frestas entres as paredes da Igreja, do Estado, da Escola e da Empresa, todos os monolitos paranóicos. Arrancados da tribo pela nostalgia selvagem, escavamos em busca de mundos perdidos, bombas imaginárias.

A última *proeza* possível é aquela que define a própria percepção, um invisível cordão de ouro que nos conecta: dança ilegal pelos corredores do tribunal. Seu eu fosse beijar você aqui, chamariam isso de um ato de terrorismo – então vamos levar nossos revólveres para a cama e acordar a cidade à meia-noite como bandidos bêbados celebrando a mensagem do sabor do caos com um tiroteio.

1.2 Terrorismo Poético (TP)

Dançar de forma bizarra durante a noite inteira nos caixas eletrônicos dos banco. Apresentações pirotécnicas não autorizadas. Land-art[2], peças de argila que sugerem estranhos artefatos alienígenas espalhados em parques estaduais. Arrombe apartamentos, mas, em vez de roubar, deixe objetos Poético-Terroristas. Seqüestre alguém e o faça feliz.

Escolha alguém ao acaso e o convença de que é herdeiro de uma enorme, inútil e impressionante fortuna – digamos, 5 mil quilômetros quadrados na Antártica, um velho elefante de circo, um orfanato em Bombaim ou uma coleção de manuscritos de alquimia. Mais tarde, essa pessoa perceberá que por alguns momentos acreditou em algo extraordinário e talvez se sinta motivada a procurar um modo mais interessante de existência.

Coloque placas de bronze comemorativas nos lugares (públicos ou privados) onde você teve uma revelação ou viveu uma experiência sexual particularmente inesquecível etc.

Fique nu para simbolizar algo.

Organize uma greve em sua escola ou trabalho em protesto por eles não satisfazerem a sua necessidade de indolência e beleza espiritual.

A arte do grafite emprestou alguma graça aos horríveis vagões do metrô e sóbrios monumentos públicos – a arte-TP também pode ser criada para lugares públicos: poemas rabiscados nos lavabos dos tribunais, pequenos fetiches abandonados em parques e restaurantes, arte-xerox sob o limpador de pára-brisas de carros estacionados, slogans escritos com letras gigantes nas paredes de playgrunds, cartas anônimas enviadas a destinatários

[2]Corrente que pretende utilizar os espaços naturais de criação artística. Para isso, fazem coisas como empilhar pedras, traçar imensas linhas de gesso em desertos, cavar tumbas etc. (N.E.)

previamente eleitos ou escolhidos ao acaso (fraude postal), transmissões de rádio piratas. Cimento fresco...

A reação do público ou choque-estético produzido pelo TP tem de ser uma emoção menos tão forte quanto o terror – profunda repugnância, tesão sexual, temor supersticioso, súbitas revelações intuitivas, angústia dadísta – não importa se o TP é dirigido a apenas uma ou várias pessoas, se é “assinado” ou anônimo: se não mudar a vida de alguém (além da do artista), ele falhou.

TP é um ato num Teatro da Crueldade sem palco, sem fileiras de poltronas, sem ingressos ou paredes. Pare que funcione, o TP deve afastar-se de forma categórica de todas as estruturas tradicionais para o consumo de arte (galerias, publicações, mídia). Mesmo as táticas da guerrilha Situacionista do teatro de rua talvez já tenham se tornado conhecidas e previsíveis demais.

Uma primorosa sedução praticada não apenas em busca da satisfação mútua, mas também como um ato consciente de uma vida deliberadamente bela – talvez isso seja o TP em seu alto grau. Os Terroristas-Poéticos comportam-se como um trapaceiro totalmente confiante cujo objetivo não é dinheiro, mas transformação.

Não faça TP Para outros artistas, faça-o para aquelas pessoas que não perceberão (pelo menos não imediatamente) que aquilo que você fez é arte. Evite categorias artísticas reconhecíveis, evite politicagem, não argumente, não seja sentimental. Seja brutal, assuma riscos, vandalize apenas o que *deve* ser destruído, faça algo de que as crianças se lembrarão por toda a vida – mas não seja espontâneo a menos que a musa do TP tenha se apossado de você.

Vista-se de forma intencional. Deixe um nome falso. Torne-se uma lenda. O melhor TP é contra a lei, mas não seja pego. Arte como crime; crime como arte.

1.3 Amor Louco (AL)

O amor louco não é uma social-democracia, não é um parlamentarismo a dois. As atas de suas reuniões secretas lidam com significados amplos, mas precisos demais para a prosa. Nem isso, nem aquilo – seu Livro de Emblemas treme em suas mãos.

Naturalmente, ele caga para os professores e para a polícia. Mas também despreza os liberais e os ideólogos – não é um quarto limpo e bem iluminado. Um topógrafo embusteiro projetou seus corredores e e seus parques abandonados, criou sua decoração de emboscada feita de tons pretos lustrosos e vermelhos maníacos membranosos.

Cada um de nós possui metade do mapa – como dois potentados renascentistas, definimos uma nova cultura com a nossa excomungada união de corpos, fusão de líquidos – as fronteiras imaginárias da nossa cidade-Estado se borram com o nosso suor.

O anarquismo antológico nunca retornou de sua última viagem de pecas. Conquanto ninguém nos denuncie para o FBI, o Caos não se importa nem um pouco com o futuro da civilização. O amor louco procria apenas por acidente – seu objetivo principal é engolir a Galáxia. Uma conspiração de transmutação.

Seu único interesse pela Família está na possibilidade de incesto (“Amplie o seu Eu”, “Toda pessoas é um Faraó”) – Ó, mais sincero dos leitores, semelhante meu, meu

irmão/irmã – e na masturbação de uma criança ele encontra, oculta (como uma caixa-surpresa japonesa com flores de papel), a imagem do esfarelamento do Estado.

As palavras pertencem àqueles que as usam apenas até alguém as roube de volta. Os surrealistas se desgraçaram ao vender o amor louco para a máquina de sombras do Abstracionismo – a única coisa que procuraram em sua inconsciência foi o poder sobre os outros, e nisso foram seguidores de Sade (que queria "liberdade" apenas para que homens brancos e adultos pudessem estripar mulheres e crianças).

O amor louco é saturado de sua própria estética, enche-se até as bordas com a trajetória de seus próprios gestos, vive pelo relógio dos anjos, não é um destino adequado para comissários ou lojistas. Seu ego evapora-se com a mutabilidade do desejo, seu espírito comunal murcha em contato com o egoísmo da obsessão.

O amor louco pede uma sexualidade incomum. O mundo anglo-saxão pós-protestante canaliza toda sua sensualidade reprimida para a publicidade e divide-se entre multidões conflitantes: caretas histéricos versus clones promíscuos e ex-ex-solterios. O AL não quer se alistar no exército de ninguém, não toma partido na Guerra dos Sexos, entedia-se com os argumentos a favor de iguais oportunidades de trabalho (na verdade, recusa-se a trabalhar para ganhar a vida), não reclama, não explica, nunca vota e nunca paga impostos.

O AL gostaria de ver todo bastardo ("filho natural") chagar ao fim de sua gestão e nascer – o AL vive de aparelhos antientrópicos – o AL adora ser molestado por crianças – o AL é melhor que sensimilla[3] – o AL leva para onde for sua próprias palmeiras e sua própria lua. O AL admira o tropicalismo, a sabotagem, a break dance, Layla e Majnun[4], o cheiro de pólvora e de esperma.

O AL é sempre ilegal, não importa se disfarçado de casamento ou de um grupo de escoteiros – sempre embriagados do vinho de suas próprias secreções ou do fumo de suas virtudes polimorfas. Não é a deterioração dos sentidos, mas sim sua apoteose – não é o resultados da liberdade, mas seu pré-requisito. *Lux et voluptas.*

1.4 Crianças Selvagens

O insondável rastro de luz da lua cheia – meados de maio, meia-noite em algum Estado americano que começas com "I", tão bidimensional que mal se pode dizer que possui uma geografia – o luar é tão urgente e tangível que é preciso fechar as cortinas para se poder pensar em palavras.

Nem pense em *escrever para* as Crianças Selvagens. Elas pensam em imagens – para elas a prosa é um código ainda não inteiramente digerido e sedimentado, assim como, para nós, ela nunca será totalmente confiável.

Você pode escrever *sobre* elas, para que outros, que tenham perdido o cordão de prata, possam nos compreender. Ou escrever *para* elas, fazendo das HISTÓRIA e do EMBLEMA

[3]Tipo de maconha feita a partir dos brotos e das flores da cannabis e que apresenta 7,5% de THC, seu componente psicoativo. (N.E)

[4]Lendários amantes do mundo árabe. Ver o livro de Nizami Laila & Majnun – A Clássica História de Amor da Literatura Persa, Jorge Zahar Editor. (N.E)

um processo de sedução de suas próprias memórias paleolíticas, uma bárbara tentação para a liberdade (o caos na compreensão do próprio CAOS).

Para essa espécie do outro mundo, ou "terceiro sexo", *les enfants sauvages*, ilusão e Imaginação ainda são indissociáveis. JOGO licencioso: de uma só vez e ao mesmo tempo a fonte de nossa Arte e de todo o mais precioso erotismo da raça.

Abraçar a desordem como fonte de estilo e como armazém de volúpia, um fundamento de nossa civilização alienígena e oculta, nossa estética conspiratória, nossa espionagem lunática – essa é a ação (reconheçamos) de um certo tipo de artista ou de uma criança de 10 ou 13 anos.

As crianças, denunciadas por seus próprios sentidos purificados, pela brilhante feitiçaria de uma prazer belo, espelham algo de fatal e obsceno na própria natureza da realidade: anarquistas ontológicos naturais, anjos do caos – seus gestos e cheiros emanam para seu entorno uma selva de presença, uma floresta de presságios repleta de cobras, armas ninja, tartarugas, xamanismo futurístico, confusão incrível, urina, fantasmas, luz do sol, ejaculações, ninhos e ovos de pássaros – agressão cheia de alegria contra os crescentes gemidos daquelas Regiões Inferiores incapazes de englobar tanto epifanias destruidoras quanto a criação, como farsa frágil, mas afiadas o bastante para contar o luar.

No entanto, os habitantes dessas insignificantes províncias inferiores acreditam que realmente controlam os destinos das Crianças Selvagens – e *aqui embaixo*, tais crenças viciadas moldam, de fato, a maior parte da substância da casualidade.

Os únicos que realmente desejam *compartilhar* o destino travesso dos fugitivos selvagens ou crianças guerrilheiras (em vez de tentar controlá-lo), os únicos, artistas, anarquistas, pervertidos, heréticos, um bando à parte (distantes um do outro e do mundo), ou capazes de se encontrar apenas como as crianças selvagens se encontram, trocando olhares secretos à mesa de jantar enquanto os adultos tagarelam por detrás de suas máscaras.

Jovens demais para helicópteros de guerra – fracassados na escola, dançarinos de break, poetas púberes de vilarejos à beira da estrada – um milhão de centelhas caindo em cascata dos rojões de Rimbaud e Mogli – frágeis terroristas cujas bombas espalhafatosas são amor polimorfo e preciosos fragmentos compactados de cultura popular – franco-atiradores punks sonhando em furar as orelhas, ciclistas animistas deslizando no crepúsculo cor de estanho pelas ruas com flores acidentais nos bairros mais miseráveis – mergulhadores ciganos nus fora de temporada, ladrões sorridentes, de olhar enviesado, de totens poderosos, troco pequeno e navalhas de pantera – estão em todos os lugares, nós os vemos – publicamos esta oferta para trocar a corrupção do nosso próprio *lux et gaudium* por sua perfeita e gentil imundície.

Compreenda: nossa realização, nossa libertação depende da *deles* – não porque imitamos a Família, estes "avaros do amor" que mantêm reféns para um futuro banal, ou Estado, que nos ensina a afundar num horizonte de eventos de enfadonha "utilidade" – não – mas porque *nós e eles*, os selvagens, somos o espelho um do outro, unidos e limitados por aquele cordão de prata que define as fronteiras entre a sensualidade, a transgressão e a revelação.

Nós temos os mesmos inimigos e nossos meios para o escapa triunfal também são os mesmos: um *jogo* delirante e obsessivo, energizado pelo brilho espectral dos lobos e seus filhotes.

1.5 Paganismo

Constelações por onde dirigir o barco da alma.

“Se o muçulmano entendesse o Islã, ele se tornaria um adorador de ídolos.” – Mahmud Shabestari.

Eleguá[5], o porteiro horroroso com um gancho na cabeça e conchas nos lugar dos olhos, charutos negros de macumba e copo de rum – como Ganesh[6], o deus dos Inícios, garoto gordo com cabeça de elefante montando num rato.

O órgão que compreende as atrofias numinosas com os sentidos. Aqueles que não podem sentir o baraka[7] não conhecem as carícias do mundo.

Hermes Poimandres[8] ensinou a animação de ídolos, a permanência mágica dos espíritos nos ícones – mas aqueles que não podem realizar esse ritual em si mesmo e em todo o tecido palpável do ser material vão herdar apenas melancolia, dejetos, decadência.

O corpo pagão torna-se como Corte de Anjos que experimenta este lugar – este arvoredo – como o paraíso (“Se existe um paraíso, com certeza é *aqui*!” – inscrição no pórtico de um jardim mongol[9]).

Mas o anarquismo ontológico é paleolítico demais para a escatologia – as coisas são reais, feitiçaria funciona, os espíritos dos arbustos são unos com a Imaginação, a morte é um vago desconforto – o enredo das *Metamorfoses* de Ovídio – um épico de mutabilidade. O cenário mitológico pessoal.

O paganismo ainda não inventou leis – apenas virtudes. Nenhum maneirismo de padres, nenhuma teologia, ou metafísica, ou moral – apenas um xamanismo universal no qual ninguém obtém real humanidade sem uma revelação.

Comida dinheiro sexo sono sol areia e sensimilla – amor verdade paz liberdade e justiça. Beleza. Dionísio, o garoto bêbado numa pantera – rançoso suor adolescente – Pã, meio homem, meio cabra, avança pesadamente na terra sólida até a cintura como se fosse o mar, com a pele suja de musgo e líquen – Eros se multiplica em uma dúzia de pastorais rapazes nus de uma fazenda do Iowa, com pés sujos de barro e musgo dos lagos em sua coxas.

Raven, o trapaceiro do potlatch[10], às vezes um garoto, às vezes uma velha, um pássaro que roubou a lua, agulhas de pinho flutuando num lago, totens com cabeças da Faísca e Fumaça, coral de corvos com olhos prateados dançando sobre uma pilha de lenha – como Semar, o corcunda albino e hermafrodita, fantoche-sombra patrono da revolução javanesa.

Iemanjá, estrela azul deusa-do-mar e padroeira dos homossexuais – como Tara, aspecto

[5]Nome que em Cuba se dá a Exu, um dos quatro orixás guerreiros da religião iorubá. (N.T)

[6]Um dos deuses mais cultuados do panteão hinduísta, invocado no início de qualquer atividade como aquele que retira obstáculos. (N.T)

[7]Conceito sufista, que significa benção, graça, a força vital de toda criação. (N.T)

[8]Ou H. Trismegisto, mitológico fundador do hermetismo, doutrina ligada ao gnosticismo, no Egito, no século I. (N.T)

[9]Império muçulmano na Índia (1526-1857), fortemente influenciado pela estética persa. O mais conhecido imperador mongol foi Akbar (1542-1605). (N.T)

[10]Festival de inverno celebrado pelos índios da costa noroeste dos EUA, com distribuição e troca de presentes, e eventual dissipação dos bens do anfitrião. (N.T)

azul-acinzentado de Kali[11], colar de crânios, dançando no lingam[12] enrijecido de Shiva[13], lambendo nuvens de monções com sua língua compridíssima – como Loro Kidul, deusa-do-mar verde-jade javanesa que confere o poder da invulnerabilidade aos sultãos por meio de intercurso tântrico em torres e cavernas mágicas.

Sob um ponto de vista, o anarquismo ontológico é extremamente nu, despido de todas as qualidades e possessões, podre como o próprio CAOS – mas, sob outro ponto de vista, ele pulula de barroquismos como os templos de foda de Katmandu ou um livro de símbolos alquímicos – ele se derrama de seu divã comendo loukoum[14] e divertidas idéias heréticas, uma mão perdida dentro de suas calças largas.

O casco de seus navios piratas é laqueado de preto, as velas triangulares são vermelhas, as flâmulas são negras, ostentando o emblema de um ampulheta alada.

Um mar do sul da China dentro da mente, próximo a um litoral selvagem coberto por palmeiras, ruínas de templos de ouro construídos para deuses desconhecidos e bestiais, ilha após ilha, a brisa como uma seda amarela e úmida sobre a pela nua, navegação por estrelas panteístas, hierologia sobre hierologia, luz sobre luz contra a escuridão reluzente e caótica.

1.6 Arte-Sabotagem (AS)

A arte-sabotagem aspira ser perfeitamente exemplar, mas, ao mesmo tempo, retém um elemento de opacidade – não propaganda, mas choque estético – aterradoramente direta, mas ainda assim sutilmente transversal – ação-como-metáfora.

A Arte-Sabotagem é o lado negro do Terrorismo Poético – criação-através-da-destruição –, mas não pode servir a nenhum partido ou niilismo, nem mesmo à própria arte. Assim como a destruição da ilusão eleva a consciência, a demolição da praga estética adoça o ar no mundo do discurso, do Outro. A Arte-Sabotagem serve apenas à percepção, atenção, consciência.

A AS vai além da paranóia, além de desconstrução – a crítica definitiva – ataque físico à arte ofensiva – cruzada estética. O menor indício de um egotismo mesquinho ou mesmo de um gosto pessoal estraga sua pureza e vicia sua força. A AS não pode nunca procurar o poder – apenas *renunciar* a ele.

Obras de arte individuais (mesmo as piores) são amplamente irrelevantes – a AS procura causar danos às instituições que usam a arte para diminuir a consciência e lucrar com a ilusão. Este ou aquele poeta ou pintor pode ser condenado por falta de visão – mas Idéias malignas podem ser atacadas através dos artefatos que eles criam. O MUZAK[15] foi feito para hipnotizar e controlar – seu mecanismo pode ser destruído.

Queima pública de livros – porque caipiras reacionários e funcionários das alfândegas

[11]No hinduísmo, a forma da Mãe Divina em seu aspecto dissoluto e destruidor. (N.T)

[12]O mais importante dos símbolos de Shiva, que tem a forma de um falo, e representa o aspecto impessoal de Deus. (N.T)

[13]Nome da Realidade Suprema para o shaivismo da Caxemira; ou, no hinduísmo, um dos três deuses principais (ao lado de Vishnu e Brahma), representando Deus em sua forma destruidora. (N.T)

[14]Doce turco. (N.T)

[15]Sistema de distribuição de música ambiente. (N.T)

devem monopolizar essa arma? Livros sobre crianças possuídas pelo demônio; a lista de best sellers do *The New York Times*; tratados feministas contra a pornografia; livros escolares (especialmente de estudos Sociais, Educação Moral e Cívica e Saúde); pilhas do *New York Post*, *Village Voice* e outros jornais de supermercado; uma compilação de editoras cristãs; alguns romances populares – uma atmosfera festiva, garrafas de vinho e baseados numa tarde clara de outono.

Jogar dinheiro para o alto no meio da bolsa de valores seria um Terrorismo Poético bastante razoável – mas *destruir* o dinheiro seria uma excelente Arte-Sabotagem. Interferir numa transmissão de TV e colocar no ar alguns minutos de arte incendiária caótica seria uma grande feito de TP – mas simplesmente explodir a torre de transmissão seria uma ato de Arte-Sabotagem perfeitamente adequado.

Se certas galerias e museus merecem, de vez em quando, receber uma tijolada pela Janela – não a destruição, mas sim uma sacudida na sua complacência –, então o que dizer dos BANCOS? Galerias transformam beleza em mercadoria, mas bancos transmutam a Imaginação em vezes e dívida. O mundo não ganharia um pouco mais de beleza com cada banco que tremesse... ou caísse? Mas como? A Arte-Sabotagem provavelmente deve ficar longe da política (é tão chata!) – mas não dos bancos.

Não faça piquetes – vandalize. Não proteste – desfigure. Quando feiúra, design podre e desperdícios estúpidos estiverem sendo impostos a você, transforme-se num luddita[16], jogue o sapato no mecanismo, retalie. Esmague os símbolos do Império, mas não o faça em nome de nada que não seja a busca do coração pela graça.

1.7 Os Assassinos

Atravessando o brilho do deserto e ganhando as montanhas policromadas, nuas e ocre, violeta pardo e terracota, no alto de um vale dissecado azul, os viajantes encontram um oásis artificial, um castelo fortificado em estilo sarraceno, guardando um jardim escondido.

Como convidados de Hassan-i Sabbah, o Velho da Montanha, eles sobem os degraus cortados na pedra que levam até o castelo. Aqui, o Dia da Ressurreição veio e passou – os do lado de dentro vivem fora do Tempo profano, que é mantido a distância com lanças e veneno.

Por trás de torres crenuladas e de longas janelas talhadas, estudiosos e fedains velam em estreitas celas monolíticas. Mapas do céu, astrolábios, destiladores e retortas, pilhas de livros abertos sob a luz da manhã – uma cimitarra descoberta.

Cada um dos que entram no reino do *Imã-de-seu-próprio-ser* transforma-se num sultão de revelação inversa, num monarca da anulação e da apostasia. Num aposento central, entrecortado pela luz e adornado com uma tapeçaria de arabescos, eles se recostam em almofadas e fumam longos narguilés de haxixe perfumado com ópio e âmbar.

Para eles, a hierarquia do ser compactou-se num ponto adimensional do real – as correntes da Lei foram quebradas – eles terminam seu jejum com vinho. Para eles, o exterior de todas as coisas é o interior delas, sua face verdadeira revela-se diretamente. Mas

[16]Membro dos grupos de trabalhadores ingleses que, no início da revolução industrial, revoltaram-se contra o desemprego causado pelo novo maquinário têxtil, procurando destruí-lo. (N.T)

os portões do jardim estão camuflados com terrorismo, espelhos, rumores de assassinos, trompe l'oeil, lendas.

Ramãs, vários tipos de amoras, caquis, a melancolia erótica dos ciprestes, rosas de Shiraz de delicadas pétalas cor-de-rosa, jardineiras com aloé e benjoim de Meca, os caules rígidos das tulipas otomanas, tapetes abertos como jardins artificiais sobre gramados verdadeiros – um pavilhão inteiro decorado com um mosaico de caligramas – um salgueiro, um riacho repleto de agriões do brejo – uma fonte sob cristais geométricos – o escândalo metafísico que são as odaliscas banhando-se os criados negros brincando de esconde-esconde, molhados, por entre a folhagem – "água, verdura, belos rostos".

Ao cair da noite, Hassan-i Sabbah, como um lobo civilizado de turbante, debruça-se no parapeito sobre o jardim e contempla o céu, estudando pequenos asterismos de heresia no ar fresco e sem rumo do deserto. É verdade que nesse mito alguns discípulos aspirantes podem receber o comando de arremessarem-se do alto das muralhas para a escuridão – mas também é verdade que alguns deles vão aprender a voar como feiticeiros.

O emblema de Alamut persiste em nossas mentes, uma *mandala* ou circulo mágico perdido na história, mas entalhado ou impresso na consciência. O Velho passa rapidamente, como um fantasma, por dentro das tendas dos reis e dos aposentos dos teólogos, atravessa todas as trancas e passa por todas as sentinelas que usam técnicas ninja/muçulmanas já esquecidas, deixando pesadelos, estiletes sobre os travesseiros, subornos poderosos.

O perfume de sua propaganda embebe-se nos sonhos criminosos do anarquismo ontológico, a heráldica de nossas obsessões exibe as lustrosas bandeiras negras dos Assassinos... todos pretendentes ao trono de um Egito Imaginário, um contínuo espaço/luz oculto consumido por liberdades ainda não imaginadas.

1.8 Pirotecnia

Inventadas pelos chineses, mas nunca desenvolvida para a guerra – um bom exemplo de Terrorismo Poético – uma arma usada para disparar choques estéticos em vez de matar – os chineses odiavam a guerra e costumavam entrar em luto quando os exércitos se levantavam – a pólvora era mais útil para espantar demônios malignos, deleitar crianças, saturar o ar com uma bruma de bravura e com o cheiro de perigo.

Rojões de terceira categoria da província de Kwantung, foguetes, borboletas, M-80's, girassóis, "Uma Floresta na Primavera" – clima de revolução – acenda seu cigarro com a espoleta chamuscada de um rojão negro – imagine o ar repleto de lêmures e íncubos, espíritos opressores, policiais fantasmas.

Chame um garoto com um bastão em brasa ou um fósforo aceso – apóstolo-xamã de enredos de verão de pólvora – estilhace a noite escura com pitadas e cascatas de estrelas infladas, arsênico e antimônio, sódio e calomelano, um corisco de magnésio e um silvo estridente de picrato de potassa.

Mande brasa (negro-de-fumo e salitre) a ferro e fogo – ataque o banco ou a horrível igreja de seu bairro com velas romanas e foguetes púrpura-dourados, de sopetão e anonimamente (talvez lançados da carroceria de uma picape em movimento).

Construa estruturas entrelaçadas com vigas de metal nos tetos dos edifícios de companhias de seguro ou escola – serpente cundalini ou dragão do Caos verde-bário enrolado

contra um fundo de amarelo-sódio – Não Pise em Mim – ou monstros copulando e arremessando bolas de fogo na casa de velhos batistas.

Escultura de nuvens, escultura de fumaça e bandeiras = Arte do Ar. Obras de Terra. Fontes = Arte da Água. E fogos de artifício. Não se apresente patrocinando pelos Rockefeller e com a autorização da polícia para uma audiência de amantes da cultura. Evanescentes bombas-mentais incendiárias, mandalas assustadoras inflamando-se em esfumaçadas noites suburbanas, alienígenas nuvens verdades da peste emocional detonadas por raios vajra[17] azuis de orgônio[18], *feux d'artifice* a laser.

Cometas que explodem com odor de haxixe e carvão radioativo – demônios do pântano e fogos-fátuos assombrando os parques públicos – falso fogo-de-santelmo piscando sobre a arquitetura da burguesia – correntes de pequenos fogos de artifício caindo no chão da Assembléia Legislativa – salamandras-elementais[19] atacando conhecidos reformados de moral.

Goma-laca flamejante, açúcar do leite, estrôncio, piche, água viscosa, fogo chinês – por alguns momentos o ar é puro ozônio – uma nuvem opala de pungente fumaça de dragão/fênix se espalhando. Por um instante, o Império cai, seus príncipes e governadores fogem para sua podridão satânica e nebulosa, penachos de enxofre dos elfos atiradores de chamas queimando suas bundas chamuscadas, enquanto eles recuam. O Assassino-criança, psique de fogo, mantém o poder por uma breve noite escaldante da estrela Sírio.

1.9 Mitos do Caos

> Caos invisível (po-te-kitea)
>
> Indomável, intransponível
>
> Caos da escuridão absoluta
>
> Intocado e intocável
>
> — canto Maori

O Caos empoleira-se numa montanha de céu: um pássaro gigantesco, como uma asa-delta amarela ou uma bola de fogo vermelha, com seis pés e quatro asas – ele não tem rosto, mas dança e canta.

Ou o Caos é um cão negro de pêlos compridos, cego e surdo, sem as cinco vísceras. Caos, o Abismo, é anterior a tudo, depois vem a Terra/Gaia, e então o Desejo/Eros. Desses três surgiram dois pares – Érebo e Noite ancestral, Éter e Luz diurna.

> Nem Ser, nem Não-ser
>
> Nem ar, nem terra, nem espaço:
>
> o que estava escondido? onde? sob a proteção de quem?

[17] No budismo e no hinduísmo, um raio ou arma mítica, geralmente controlado pelo deus Indra (N.E)

[18] Na teoria desenvolvida por William Reich, orgônio é a energia vital, a energia a que é a fonte da vida. (N.E)

[19] Desde a Antigüidade, a salamandra tem sido reconhecida como a personificação do fogo, um animal que sobreviveria ileso no fogo. (N.E)

O que era a água, profunda, insondável?
Nem morte, nem imortalidade, dia ou noite...
mas o UNO soprado por si mesmo, sem vento.
Nada mais. Escuridão envolvendo escuridão,
água não-manifesta.

O UNO, escondido pelo vazio,
sentiu a geração do calor, tornou-se ser
na forma de Desejo, primeira semente da Mente...
O que estava por cima e o que, por baixo?
Existiam semeadores, existiam poderes:
energia embaixo, impulso em cima.
Mas quem pode ter certeza?
— *Rig Veda*

Tiamar, o Oceano de Caos, expele lentamente de seu ventre Lama e Saliva, os Horizontes, o Céu e Sabedoria líquida. Esses rebentos crescem barulhentos e pretensiosos – ela pensa em destruí-los.

Mas Marduk, o deus da guerra babilônico, levanta-se em rebelião contra a Velha Bruxa e seus Monstros do Caos, totens infernais – o Verme, a Ogre Fêmea, o Grande Leão, o Cachorro Louco, o Homem Escorpião, a Tempestade Trovejante – dragões vestindo suas glórias como deuses – e a própria Tiamat é uma serpente marinha gigante.

Marduk a acusa de fazer os filhos se rebelarem contra os pais – ela ama Neblina e Nuvens, princípios da desordem. Marduk será o primeiro a reinar, a inventar o governo. Durante a batalha, ele trucida Tiamat e com o seu corpo encomenda o universo material. Inaugura o império da Babilônia – e então, com os miúdos e as tripas sangrentas do filho incestuoso de Tiamat, ele cria a raça humana para servir aos deuses para sempre e aos altos sacerdotes e reis sacramentados.

Zeus Pai e os deuses do Olimpo travam guerra contra Mãe Gaia e os Titãs, esses partidários do Caos, da velhas formas de caça e coleta, das longas andanças sem destino, da androginia e da licenciosidade das bestas.

Amon-Ra (Ser) senta-se sozinho no Oceano do Caos primordial da MADRE masturbando-se e criando todo os outros deuses – mas o Caos também se manifesta como o dragão Apophis a quem Ra deve destruir (juntamente com seu estado de glória, sua sombra e sua mágica) para que o faraó possa governar com segurança – um ritual de vitória recriado diariamente nos templos Imperiais para confundir os inimigos do Estado, da Ordem cósmica.

Caos é Hun Tun, Imperador do Centro. Um dia, o Mar do Sul, Imperador Shu, e o Mar do Norte, Imperador Hu (*shu hu* – relâmpago), visitaram Hun Tun, que sempre os recebeu bem. Desejando retribuir sua gentileza, eles disseram: “Todos os seres têm sete orifícios para ver, ouvir, comer, cagar etc. – mas o pobre velho Hun Tun não tem

nenhuma! Vamos perfurar alguns nele!” E assim fizeram – um orifício por dia – até que, no sétimo dia, o Caos morreu.

Mas... o Caos também é um enorme ovo de galinha. Dentro dele, P’an-ku nasce e cresce por 18 mil anos – finalmente o ovo se abre, divide-se entre céu e terra, yin e yang. Então P’an-ku transforma-se na coluna que sustenta o universo – ou talvez *se torna* o universo (respiração –> vento, olhos –> sol e lua, sangue e fluídos –> rios e mares, cabelo e cílios –> estrelas e planetas, esperma –> pérolas, medula –> jade, suas pulgas –> seres humanos etc.).

Ou, ainda, transforma-se no homem/monstro, Imperador Amarelo. Ou transforma-se em Lao-tsé, profeta do Tao. Na verdade, o pobre velho Hun Tun é o próprio Tao.

“A música da natureza não existe além das coisas. As várias aberturas, gaitas, flautas, todos os seres vivos, juntos, formam a natureza. O ‘EU’ não pode produzir coisas e as coisas não podem produzir o ‘EU’, que existe por si mesmo. As coisas são o que são espontaneamente, não por causa de alguma outra coisa. Tudo é natural sem saber por que o é. As 10 mil coisas tem 1o mil estados diferentes, todos em movimento como se existisse um Senhor Verdadeiro para movê-las – mas, se procuramos por evidências desse Senhor, não conseguimos encontrá-las.” (Kuo Hsiang).

Cada consciência iluminada é um “imperador”, cuja única forma de reinado é não fazer nada para não atrapalhar a espontaneidade da natureza, o Tao. O “sábio” não é o próprio Caos, mas um dos seus servidores leais – uma das pulgas de P’an-ku, um pedaço de carne do filho monstruoso de Tiamat. “Céu é Terra”, diz Chunag-tsé, “nasceram no mesmo momento em que eu nasci, e eu e as 10 mil coisas formamos um ser único”.

O Anarquismo Ontológico tende a discordar apenas da total quietude do taoísmo. Em nosso mundo, o aos tem sido destituído por jovens deuses, moralistas, falocratas, padres-banqueiros, senhores adequados para escravos. Se a rebelião provar-se impossível, pelo menos algum tipo de guerra santa clandestina deve ser iniciada. Que ela siga as bandeiras da guerra do dragão negro anarquistas, Tiamat, Hun Tun.

O Caos nunca morreu.

1.10 Pornografia

Na Pérsia eu vi que a poesia é feita para ser musicada e cantada – por uma razão simples – porque *funciona.*

Uma combinação perfeita de imagem e melodia coloca o público num *hal* (algo entre um estado de espírito emocional/estético e um transe de supraconsciência), explosões de choro, impulsos de dança – uma mensurável resposta física à arte. Para nós, a ligação entre poesia e corpo morreu junto com a época dos bardos – lemos sob influência de um gás anestesiante cartesiano.

No norte de Índia, mesmo a recitação não-musical provoca barulho e movimento, todo bom verso é aplaudido, “Bravo!” com elegantes movimentos de mãos, e rúpias são lançadas – enquanto nós ouvimos poesia como um daqueles cérebros de ficção científica em um vidro – na melhor das hipóteses, um sorriso amarelo ou uma careta, vestígios dos rituais símios – o resto do corpo longe, em algum outro planeta.

No Oriente, às vezes os poetas são presos – uma espécie de elogio, já que sugere que o autor fez algo tão real quanto um roubo, em estupro ou uma revolução. Aqui, os poetas podem publicar qualquer coisa que quiserem – o que em si mesmo é uma espécie de punição, uma prisão em paredes, sem eco, sem existência palpável – reino de sombras do mundo impresso, ou do pensamento abstrato – um mundo sem risco ou *eros*.

A poesia está morta novamente – e mesmo que a múmia do seu cadáver possua ainda algumas de suas propriedades medicinais, a auto-ressureição não é uma delas.

Se os legisladores se recusam a considerar poemas como crimes, então alguém precisa cometer os crimes que funcionem como poesia, ou textos que possuam a ressonância do terrorismo. Reconectar a poesia ao corpo a qualquer preço. Não crimes contra o corpo, mas contra Idéias (e Idéias-dentro-das-coisas) que sejam letais e asfixiantes. Não libertinagem estúpida, mas crimes exemplares, estéticos, crimes por amor.

Na Inglaterra, alguns livros pornográficos ainda estão banidos. A pornográfica produz um efeito físico mensurável em seus leitores. Como propaganda, ela às vezes muda vidas por revelar desejos secretos.

Nossa cultura gera a maior parte de sua pornografia motivada pelo ódio ao corpo – mas, como em certas obras orientais, a arte erótica em si mesma cria um veículo elevado para o aprimoramento do ser/consciência/glória. Um espécie de pornô tântrico ocidental poderia ajudar a galvanizar os cadáveres, fazê-los brilhar com uma pitada de glamour do crime.

Os Estados Unidos oferecem liberdade de expressão porque todas as palavras são consideradas igualmente insípidas. Apenas as *imagens* contam – os censores amam cenas de morte e mutilação, mas horrorizam-se diante de uma criança se masturbando – para eles, aparentemente, isso é uma invasão de seu fundamento existencial, sua identificação com o Império e seus gestos mais sutis.

Sem dúvida, nem mesmo o pornô mais poético faria o cadáver sem rosto reviver, dançar e cantar (como o pássaro do Caos chinês) – mas... imagine o roteiro de uma filme de três minutos ambientados numa ilha mítica povoada por crianças fugitivas que moram nas ruínas de antigos castelos ou em cabanas-totens e ninhos construídos com detritos – uma mistura de animação, efeitos especiais, computação gráfica e vídeo – editado de forma compacta, como um comercial de fast-food...

... mas insólito e nu, penas e ossos, tendas abotoadas com cristais, cachorros negros, sangue de pombos – vislumbres de membros cor de âmbar enrolados em lençóis – rostos, cobertos por máscaras cheias de estrelas, beijando dobras macias de pele – piratas andróginos, faces abandonadas de colombinas dormindo em altas flores brancas – piadas sujas de se mijar de tanto rir, lagartos de estimação lambendo leite derramado – pessoas nuas dançando break – banheiras vitorianas com patos de borracha e pintos cor-de-rosa – Alice viajando no pó...

... punk reggae atonal para gamelão, sintetizadores, saxofones e baterias – boogies elétricos cantados por um etéreo coro de crianças – antológicas canções anarquistas, um misto de Hafiz[20] & Pancho Villa, Li Po[21] e Bakunin, Kabir[22] e Tzara – chame-o de

[20]Até hoje, um dos mais queridos e lidos poetas místicos da Pérsia (1320-1389) (N.T)

[21]Ou Li Pai, poeta chinês (701-762 a.C.) (N.T)

[22]Poeta santo cultuado tanto por muçulmanos quanto por hinduístas, viveu em Benares (1440-1518). (N.T)

"CHAOS – The Rock Video!"

Não... provavelmente é só um sonho. Muito caro para produzir e, além disso, quem o assistiria? Não as crianças a quem ele gostaria de seduzir. A TV pirata é uma fantasia fútil; o rock, outra mera mercadoria – esqueça o gesamtkunstwerk[23] malandro, então. Inunde um playground com obscenos folhetos inflamatórios – propaganda pornô, excêntricos manuscritos clandestinos para libertar o Desejo dos seus grilhões.

1.11 Crime

A justiça não pode ser obtida sob nenhuma Lei que seja – uma ação que está de com a natureza espontânea, uma ação justa, não pode ser definida por dogmas. Os crimes defendidos nestes panfletos não podem ser cometidos contra o "si mesmo" ou o "outro", mas apenas contra a mordaz cristalização de Idéias em estruturas de Tronos e Dominações venenosas.

Ou seja, não crimes contra a natureza ou contra a humanidade, mas contra a ordem legal. Mais cedo ou mais tarde, o descobrimento e a revelação de ser/natureza transformam uma pessoa num bandoleiro – como se ela visitasse outros mundos e, ao retornar, descobrisse que foi declarada traidora, herege, um ser exilado.

A Lei espera até que você tropece num modo de ser, uma alma diferente do padrão de "carne apropriada para consumo" aprovado pelo Sistema de Inspeção Federal – e, assim que você começa a agir de acordo com a natureza, a Lei o garroteia e o estrangula – portanto, não dê uma de mártir abençoado e liberal da classe média – aceite o fato de que você é um criminoso e esteja preparado para agir como tal.

Paradoxo: adotar o Caos não é escorregar para a entropia, mas emergir para uma energia semelhante à das estrelas, um espécime de graça instantânea – uma organização orgânica espontânea completamente diferente das pirâmides sociais putrefatas dos sultão, muftis, cádis e carrascos.

Depois do Caos, vem o Eros – o princípio da ordem implícito no vazio do Uno inqualificável. O amor é estrutura, sistema, o único código não contaminado pela escravidão e pelo sono drogado. Precisamos nos tornar vigaristas e persuasivos para proteger sua beleza espiritual num bisel de clandestinidade, num secreto jardim de espionagem.

Não apenas sobreviva, enquanto espera que a revolução de alguém ilumine as suas idéias, não se aliste no exército da anorexia ou bulimia – aja como se já fosse livre, calcule as probabilidades, pule fora, lembre-se das regras de duelo – Fume Maconha/Coma Galinha/Tome Chá. Todo homem tem sua própria vinha e sua figueira (*Circle Seven Koran*, Noble Drew Ali[24]) – carregue seu passaporte mouro com orgulho, não fique parado no meio do fogo cruzado, proteja-se – mas arrisque-se, dance antes que fique calcificado.

O modelo social natural para o anarquismo ontológico é uma gangue de crianças ou um bando de ladrões de banco. O dinheiro é uma mentira – esta aventura deve ser possível sem ele – o resultado das pilhagens e saques deve ser gasto antes que se

[23]Termo alemão contemporâneo que, grosso modo, implica diferentes formas simultâneas de se apreciar algo, especialmente um obras de arte computacional ou uma instalação. (N.T)

[24]Líder religioso norte–americano, fundador do Templo da Ciência Islâmica em 1913, em Chicago. (N.T)

torne pó novamente. Hoje é o Dia da Ressurreição – o dinheiro gasto com a beleza será alquimicamente transformado num elixir. Como o meu tio Melvin dizia, melancias roubadas são mais doces.

O mundo já foi recriado segundo o desejo do coração – mas a civilização é dona de todas as locações e da maioria das armas. Nossos anjos ferozes exigem que invadamos a propriedade alheia, porque se manifestam apenas em solo proibido. O Ladrão de Estrada. A ioga da clandestinidade, o assalto relâmpago, o desfrute do tesouro.

1.12 Feitiçaria

O universo quer brincar. Aqueles que por ganância espiritual se recusam a jogar e escolhem a pura contemplação negligenciam sua humanidade – aqueles que evitam a brincadeira por causa de uma angústia tola, aqueles que hesitam, desperdiçam sua oportunidade de divindade – aqueles que fabricam para si máscaras cegas de Idéias e vagam por aí à procura de uma prova para sua própria solidez acabam vendo o mundo através dos olhos de um morto.

Feitiçaria: o cultivo sistemático de uma consciência aprimorada ou de uma percepção incomum e sua aplicação no mundo das ações e objetos a fim de se conseguir os resultados desejados.

O aumento da amplitude da percepção gradualmente bane os falsos eus, nossos fantasmas cacofônicos – a "magia negra" da inveja e da vingança volta-se contra o autor porque o Desejo não pode ser forçado. Quando o nosso conhecimento da beleza harmoniza-se com o *ludus naturae*, a feitiçaria começa.

Não, não se trata de entortar colheres ou fazer horóscopos, não é a "Aurora Dourada" nem um xamanismo de brincadeira, projeção astral ou uma Missa Satânica – se você quer mistificação, procure as coisas reais, bancos, política, ciência social – não esta baboseira barata da Madame Blavatsky.

A feitiçaria funciona criando ao redor de si um espaço físico/psíquico ou aberturas para um espaço de expressão sem barreiras – a metamorfose do lugar cotidiano numa esfera angelical. Isso envolve a manipulação de símbolos (que também são coisas) e de pessoas (que também são simbólicas) – os arquétipos fornecem um vocabulário para esse processo e portanto, são tratados ao mesmo tempo como reais e irreais, como as palavras. Ioga da Imagem.

O feiticeiro é um Autêntico Realista: o mundo é real – mas a consciência também o deve ser, já que seus efeitos são tão tangíveis. Um obtuso acha que até mesmo o vinho não tem gosto, mas o feiticeiro pode se embriagar simplesmente olhando para a água. A qualidade da percepção define o mundo do inebriamento – mas, sustentá-lo e expandi-lo, para incluir *os outros*, exige um certo tipo de atividade – feitiçaria.

A feitiçaria não infringe nenhuma lei da natureza porque não existe nenhuma Lei Natural, apenas a espontaneidade da *natura naturans*, o Tao. A feitiçaria viola as leis que procuram deter se fluxo – padres, reais, hierofantes, místicos, cientistas e vendedores consideram a feitiçaria uma *inimiga* porque ela representa uma ameaça ao poder de suas charadas e à resistência de sua teia ilusória.

Um poema pode agir como um feitiço e vice-versa – mas a feitiçaria recusa-se a ser

uma metáfora para uma mera literatura – ela insiste que os símbolos devem provocar incidentes assim como epifanias particulares. Não é uma crítica, mas um refazer. Ela rejeita toda escatologia e metafísica da remoção, tudo que é apenas nostalgia turva e futurismo estridente, em favor de um paroxismo ou captura da *presença*.

Incenso e cristal, adaga e espada, certo, túnicas, rum, charutos, velas, ervas como sonhos secos – o garoto virgem com olhar fixo num pote de tinta – vinho e haxixe, carne, iantras e rituais de prazer, o jardim de huris e sagüis – o feiticeiro escala essas serpentes e escadas até o momento totalmente saturado por sua própria cor, em que montanhas são montanhas e árvores são árvores, em que o corpo torna-se eternidade e o amado torna-se vastidão.

As táticas do anarquismo ontológico estão enraizadas nesta Arte secreta – os objetivos ao anarquismo ontológico aparecem no seu florescimento. O Caos enfeitiça seus inimigos e recompensa seus devotos... este estranho panfleto amarelado, pseudonímico e manchado de pó, revela tudo... passe-o adiante por um segundo de eternidade.

1.13 Publicidade

O que isso diz a você não é prosa. Pode ser pendurado no quadro de avisos, mas ainda está vivo e retorcendo-se. Não pretende seduzi-lo, a não ser que você seja de extrema juventude e beleza (anexe uma foto recente).

Hakim Bey mora num decadente hotel chinês onde os proprietários balançam a cabeça de um lado para o outro enquanto lêem os jornais e escutam transmissões estridentes da Ópera de Pequim. O ventilador de teto gira como um dervixe indolente – suor pinga sobre a página – o cafetã do poeta está encardido, seus cinzeiros derramam cinzas no tapete – seus monólogos parecem desconexos e levemente sinistros – por trás das janelas fechadas, o gueto desaparece entre palmeiras, o ingênuo oceano azul, a filosofia do tropicalismo.

Numa estrada em algum lugar a leste de Baltimore, você passa por um trailer Airstream, e enxerga uma grande placa plantada na grama: LEITURAS ESPIRITUAIS, com a imagem de uma rude mão negra sobre um fundo vermelho. Lá dentro, você encontra livros sobre sonhos e numerologia, panfletos sobre vodu e macumba, revistas de nudismo velhas e empoeiradas, um pilha de *Boy's Life*, tratados sobre briga de galos... e este livro, Caos. Como palavras ditas num sonho, portentosas, evanescentes, transformando-se em perfumes, pássaros, cores, música esquecida.

Este livro se mantém a distância por uma certa impassibilidade em sua superfície, quase que visível através de um vidro. Ele não abana o rabo e não grunhe, mas morde e estraga a mobília. Ele não tem um número ISBN e não o quer como discípulo, mas pode seqüestrar seus filhos.

Este livro é nervoso como o café ou a malária – ele cria, entre si e seus leitores, uma rede de desertores e outsiders – mas é tão cara-de-pau eliteral que praticamente se codifica – fuma a si próprio em estupor.

Uma máscara, uma automitologia, um mapa sem nome de lugar algum – hirto como uma pintura egípcia que, no entanto, logra acariciar o rosto de alguém e, de repente, encontra-se na rua, num corpo, envolvido em luz, andando, acordado, quase satisfeito.

— Nova York, 1º de maio a 4 de julho de 1984

Capítulo 2

Comunicados da AAO

2.1 Comunicado #1 (Primavera de 1986)

I. Slogans e Motes para Pichar no Metrô e para Outros Propósitos

COSMOPOLITISMO DESENRAIZADO

TERRORISMO POÉTICO

(para rabiscar ou carimbar em outdoors publicitários:)

ESTE É O SEU VERDADEIRO DESEJO

MARXISMO-STIRNERISMO

ENTRE EM GREVE PELA INDOLÊNCIA e BELEZA ESPIRITUAL

CRIANCINHAS TÊM PÉS LINDOS

AS CORRENTES DA LEI FORAM QUEBRADAS

PORNOGRAFIA TÂNTRICA

ARISTOCRATISMO RADICAL

GUERRILHA URBANA PARA A LIBERTAÇÃO DAS CRIANÇAS

XIITAS FANÁTICOS IMAGINÁRIOS

BOLO'BOLO[1]

SIONISMO GAY

(SODOMA PARA OS SODOMITAS)

UTOPIAS PIRATAS

O CAOS NUNCA MORREU

Alguns desses slogans da Associação para a Anarquia Ontológica (AAO) são "sinceros" – outros têm como objetivo despertar temores e apreensão pública – mas não sabemos bem qual é qual. Nossos agradecimentos a Stalin, Anon, Bob Black, Pir Hassan (ao seu

[1] Espaço de convivência libertária descrito na obra de mesmo nome publicada no Brasil nos anos 1990 pela Editora Correcotia. (N.E)

nome ser mencionado, que reine em paz), F. Nietzsche, Hank Purcell Jr., "P.M." e irmãos Abu Jehad al-Salah do Templo Islâmico de Dagon.

II. Algumas Idéias Poético-Terroristas que ainda Continuam em Triste Languidez no Reino da "Arte Conceitual"

1. Entre na área dos caixas eletrônicos do Citibank ou do Chembank numa hora de muito movimento, cague no chão e vá embora.

2. Chicago, Maio de 1886: organize uma procissão "religiosa" para os "mártires" do Haymarket[2] – grandes faixas com retratos sentimentais coroados com flores e transbordando de fitas e lantejoulas, carregadas por penitentes vestidos em trajes com capuzes negros no estilo KKKatólico – escandalosos e efeminados acólitos de TV borrifam a multidão com água benta e incenso – anarquistas com rostos emplastrados de cinzas flagelam-se com pequenos relhos e chicotes – um "Papa" de túnica negra abençoa minúsculos caixões simbólicos carregados reverentemente para o cemitério por punks chorosos. Um espetáculo desse tipo deve ofender *quase todo mundo.*

3. Cole em lugares públicos um cartaz xerocado com a foto de um lindo garoto de 12 anos, nu e se masturbando, com o título bem à vista: A FACE DE DEUS.

4. Envie elaboradas e requintadas "bênçãos" mágicas pelo correio, *anonimamente*, para pessoas ou os grupos que você admira, por exemplo, por sua capacidade política ou espiritual, por sua beleza física ou por seu sucesso no mundo do crime etc. Siga o mesmo procedimento descrito no item 5 a seguir, mas utilize uma estética de bons votos, amor ou felicidade, o que for mais apropriado.

5. Rogue uma praga horrível contra uma *instituição* maligna, tal como o New York Post ou a empresa MUZAK. Aqui, uma técnica adaptada dos feiticeiros da Malásia: envie para a empresa um pacote com uma garrafa tampada e selada com cera negra. E dentro dela: insetos mortos, escorpiões, lagartos e coisas do tipo; um saco com terra de cemitério ("gris-gris" na terminologia vodu), junto com outras substâncias nocivas; um ovo perfurado por pregos e alfinetes de ferro; um pergaminho onde está desenhado um emblema (veja página 78).

(Esse *iantra* ou *veve* invoca o Djim[3] Negro, a sombra do Eu. Detalhes completos podem ser obtidos na AAO.) Um bilhete explica que a bruxaria é contra a *instituição* e não contra os indivíduos – mas, a menos que a instituição *deixe de ser maligna*, a praga (como um espelho) começará a infectar as dependências com um destino terrível, um miasma de negatividade. Prepare um "comunicado" explicando a maldição e atribuindo a sua autoridade à Sociedade Poética Americana. Envie cópias para todos os empregados

[2]Praça em Chicago onde ocorreu o grande confronto descrito no livro A Bomba, de Frank Harris (Conrad Livros, 2003), entre polícia e operários que faziam uma demonstração pela jornada de trabalho de oito horas, em maio de 1886. É o evento que deu origem ao 1º de Maio como Dia dos Trabalhadores. (N.E)

[3]Ser lendário muçulmano que pode tomar qualquer forma humana ou animal e influir na vida das pessoas. (N.T)

da instituição e para a mídia. Na noite anterior à chegada dessas cartas, cole nas paredes da instituição cópias do emblema do Djim Negro em locais que sejam visíveis a todos os empregados quando eles chegarem ao trabalho pela manhã.

(Nossos agradecimentos novamente a Abu Jehad e a Sri Anamananda – o Castelão Mouro do Belvedere Weather Tower – e aos outros camaradas da zona autônoma do Central Park e do Templo Número 1 do Brooklyn.)

2.2 Comunicado #2

O Memorial Bolo Kallikak e O Caos Ashram[4]: Uma Proposta

Alimentando uma obsessão por trailers Airstream – aqueles clássicos dirigíveis em miniatura sobre rodas – e também pela região de Pine Barrens em Nova Jersey, por suas infindáveis vastidões desertas de riachos arenosos e pinheiros negros, brejos de groselhas silvestres e cidades fantasmas, população em torno de catorze pessoas por milha quadrada, estradas não pavimentadas onde samambaias crescem sem controle, cabanas de pinho e casas sobre rodas, enferrujadas e isoladas, com carros enguiçados no quintal da frente.

Terra dos míticos Kallikaks – famílias da região estudadas pelos eugenistas na década de 1920 para justificar a campanha de esterilização dos pobres da área rural. Alguns Kallikaks fizeram bons casamentos, prosperaram e tornaram-se burgueses, graças aos bons genes – outros, no entanto, nunca tiveram emprego de verdade e viviam dos bosques – incestos, sodomia, deficiências mentais abundantes – fotografias retocadas para fazê-los parecer absortos e morosos – descendentes de índios vagabundos, mercenários de Hesse[5], ladrões pés-de-chinelo, desertores – degenerados lovecraftianos.

Pensando bem, os Kallikaks talvez tenham produzido alguns seguidores do Caos, percursores do sexo radical, profetas do Trabalho-Zero. Como outras paisagens monótonas (desertos, mares, pântanos), a região de Pine Barrens parece estar imbuída de um poder erótico – que não é nem viril nem orgiástica, mas que transmite uma desordem lânguida, quase um desmazelo da Natureza, como se aquele solo e aquela água fossem feitos de carne sensual, membranas, tecidos esponjosos eréteis. Queremos acampar neste lugar, talvez numa cabana de pesca e caça abandonada com um velho fogão de lenha e banheiro externo – ou em decadentes cabanas de férias em alguma estrada secundária fora de uso – ou simplesmente num lugar onde podemos estacionar dois ou três Airstreams escondidos por detrás dos pinheiros e Perto de um poço grande o suficiente para nadar. Será que os kallikaks estavam por dentro de algo bom? Vamos descobri.

em algum lugar, garotos sonham que extraterrestres virão resgatá-los de suas famílias, talvez desintegrando seus pais com um tipo de raio alienígena. Então, bem... Trama de Seqüestro do Pirata Espacial é Descoberta – "Alienígena" Desmascarado é Poeta Homossexual Xiita Fanático – OVNIs avistados sobre Pine Barrens – "Garotos Perdidos Deixarão a Terra", afirma Hakim Bey, o Assim Chamado Profeta do Caos.

garotos fugitivos, bagunça e desordem, êxtase e Indolência, nadar nus, infância como

[4]Uma comunidade ou instituição espiritual em que disciplinas espirituais são praticadas: a residência de um santo ou mestre espiritual (sânscrito). (N.T)

[5]Mercenários contratados pelo exército inglês durante a guerra de independência americana. (N.T)

insurreição permanente – coleções de sapos, lesmas, folhas – mijar da lua – 11, 12, 13 – crescidos o suficiente para tomar as rédeas da própria história da mão dos pais, da escola, da previdência social, da TV – Venham viver conosco no Pine Barrens – nós cultivaremos um tipo local de beberagem para financiar nossa luxúria e contemplação da alquimia do verão – e além disso não produziremos nada a não ser artefatos de Terrorismo-Poético e recordações de nossos prazeres.

dar voltas sem destino na velha picape, pescar e coletar alimentos, deitar na sombra lendo quadrinhos e comendo uvas – essa é a nossa Economia. A realidade das coisas quando libertas da Lei, cada molécula uma orquídea, cada átomo uma pérola para a consciência alerta – esse é nosso culto. O Airstream tem tapetes persa em todas suas paredes, a grama está cheia de ervas satisfeitas.

a casa na árvore torna-se uma nave espacial na nudez de julho e à meia-noite, semi-aberta às estrelas, aquecidas por um suor epicuriano, apressada e depois tranqüilizada pela respiração dos pinheirais.

(Caro Diário de Bordo Bolo: Você pediu uma utopia prática e possível – aqui está ela, não apenas uma fantasia pós-holocausto, nada de castelos da lua de Júpiter – um esquema que poderíamos adotar amanhã – a não ser pelo fato de que todos os seus aspectos violam certas leias, revelam alguns dos tabus absolutos da sociedade norte-americana, ameaçam a própria trama social etc. etc. etc. Azar. Esse é nosso desejo verdadeiro e para realizá-lo precisamos contemplar não apenas uma vida de arte pura, mas também o crime puro, a insurreição pura. Amém.)

(Nossos agradecimentos a Grim Reaper e a outros membros do Templo Si Fan da Divina Providência em prol de YALU, GANO, SILA e suas idéias.)

2.3 Comunicado #3

O Tema Haymarket

"Preciso apenas mencionar en passant que existe um curioso ressurgimento da tradição de bagres na popular série de filmes Godzilla, surgida após o caos nuclear lançado sobre o Japão. Na verdade, os detalhes simbólicos da evolução Godzilla no cinema de cultura pop são surpreendentemente paralelos aos mais tradicionais e folclóricos temas japoneses e chineses de combate a uma ambivalente criatura do caos (alguns dos filmes, como Mothra, lembram diretamente os antigos motivos do ovo/cabaça/casulo cósmico) que é geralmente domesticada, após o fracasso da ordem civilizada, pela ação especial e indireta de uma criança." Girardot , Myth e Meaning in Early Taoism: The Theme of Chaos (hun-tun).

Em algum antigo Templo da Ciência Islâmica (em Chicago ou Baltimore), um antigo amigo afirmou Ter visto um altar secreto no qual descansavam pares combinados de seis revólveres (em caixas de veludo) e um fez *negro*. Supostamente, a iniciação ao círculo mais secreto requer do neófito mouro o assassino de pelo menos um policial. /// E quando Louis Lingg[6]? Foi ele um precursor do Anarquismo Ontológico? "Eu o desprezo" – não

[6]Um dos homens acusados de lançar a bomba que matou vários policiais a manifestação em Haymarket Sq., 1886. Julgado e condenado, suicidou-se na prisão. (N.T)

podemos deixar de admitir tais sentimentos. Mas o homem se dinamitou aos 22 anos para enganar a força... esses não é exatamente o caminho que escolhemos.

/// A IDÉIA de POLÍCIA é como a hidra em que crescem cem novas cabeças para cada uma que é decepada – e todas essa cabeças são *policiais vivos*. Cortar fora as cabeças não nos ajuda em nada, apenas aumenta o poder da besta até que ela nos engula. /// Primeiro assassine a IDÉIA – exploda o monumento *dentro de nós* – e então, talvez... o equilíbrio do poder se inverterá. Quando o último tira em nosso cérebro for assassinado pelo último desejo não satisfeito – talvez até mesmo a paisagem ao nosso redor comece a mudar... /// O Terrorismo Poético propõe tal *sabotagem dos arquétipos* como ávidos pela derrubada (por qualquer meio) de toda polícia, aiatolás, banqueiros, carrascos, padres etc., reservamo-nos a opção de venerar até mesmo os "fracassos" do excesso radical. /// Uns poucos dias liberto do Império das Mentiras pode muito bem valer um sacrifício considerável; um momento de realização exaltada pode pesar mais do que uma vida inteira de trabalho e tédio microcefálico. /// Mas esse momento deve *tornar-se nosso* – e nossa posse sobre ele é seriamente comprometida se precisamos cometer suicídio para preservar sua integridade. Então, misturamos ironia à nossa veneração – não é o martírio que propomos, mas a coragem do dinamitador, a autoconfiança de um monstro do Caos, a realização de prazeres criminosos e ilegais."

2.4 Comunicado #4

O Fim do Mundo

A AAO declara-se oficialmente *entediada* com o Fim do Mundo. A versão canônica tem sido usada desde 1945 para nos manter acovardados diante do medo da Inevitável Destruição Mútua e em chorosa servidão aos nossos políticos super-heróis (os únicos capazes de lidar com a fatal Criptonita Verde)...

Qual a importância de termos descoberto uma forma de destruir a vida na Terra? Quase nenhuma. Nós *imaginamos* isso como uma forma de fuga da contemplação de nossas próprias mortes individuais. Criamos um emblema para servir como imagem-espelho de uma imortalidade descartada. Como ditadores dementes, desfalecemos ao pensar em levar *tudo* conosco para o fundo do Abismo.

A versão não oficial do Apocalipse envolve uma nostalgia lasciva pelo Fim e por um Éden pós-Holocausto onde os sobreviventes (ou os 144 mil eleitos das Revelações) podem se entregar indolentemente às orgias de histeria dualista, aos intermináveis confrontos finais com um demônio sedutor...

Vimos o fantasma de René Guénon[7], cadavérico e usando um fez (como Boris Karloff interpretando Ardis Bey em A Múmia), liderando uma funérea banda de rock noise industrial em altos zumbidos de moscas negras pela morte da Cultura e do Cosmos: o fetichismo elitista de niilistas patéticos, o autodesprezo gnóstico dos intelectualóides "pós-sexuais".

Não seriam essas baladas sombrias simplesmente imagens-espelhos de todas as mentiras e superficialidades sobre o Progresso e o Futuro, berradas em todos os alto-falantes,

[7]Místico francês (1886-1951) que abraçou as tradições orientais e proclamou o declínio do Ocidente em suas obras. (N.T)

e emitidas, no mundo do Consenso, como ondas cerebrais paranóicas de qualquer livro escolar e da TV? A tanatologia dos sofisticados milenaristas brota como pus da falsa *saúde* do Paraíso de Trabalhadores e Consumidores.

Qualquer um que pode ler a história com os dois hemisférios do cérebro sabe que um mundo termina a todo instante – as ondas do tempo lavam tudo e deixam apenas as memórias de um passado fechado e petrificado – memória imperfeita, ela mesma moribunda e autonal. E a todo instante também é gerado um mundo novo – apesar dos protestos dos filósofos e dos cientistas cujos corpos se paralisaram – uma atualidade na qual todas as impossibilidades se renovam, em que arrependimentos e premonições dissipam-se em nada num único gesto presencial, psicomântrico e hologramático.

O passado "normativo" ou a futura morte do universo significam tão pouco para nós quanto o PIB do ano passado ou a degeneração do Estado. Todos os passados Ideais, todos os futuros que ainda não passaram, simplesmente obstruem a nossa consciência da vívida presença total.

Certas seitas acredita, que o mundo (ou "um" mundo) *já chegou ao fim.* Para as Testemunhas de Jeová, aconteceu em 1914 (isso mesmo, senhores, estamos vivendo o Livro das Revelações *agora*). Para certos ocultistas orientais, aconteceu durante a grande Conjunção dos Planetas em 1962. Joaquim de Fiore proclamou a Terceira Era, a do Espírito Santo, que substituiu a do Pai e do Filho. Hassan II de Alamut proclamou a Grande Ressurreição, a imanência do eschaton, o paraíso na Terra. O tempo profano terminou em algum ponto da Idade Média. Desde então, vivemos em tempos angelicais – só que a maioria de nós não sabe disso.

Ou, partimos de um ponto de vista monista ainda mais radical: o Tempo nunca começou. O Caos nunca morreu. O Império nunca foi fundado. Não somos e nunca fomos escravos do passado ou reféns do futuro.

Sugerimos que o Fim do Mundo seja declarado um *fait acompli*; a data exata não importa. Os ranters[8], em 1650, sabiam que o Milênio se inicia *agora* em cada alma que desperta para si mesma, para o seu próprio centro e divindade. "Regozije-se, companheiro", era o cumprimento que usavam. "Tudo é nosso!"

Eu não quero participar de qualquer outro Fim do Mundo. Um garoto sorri para mim na rua. Um corvo negro pousa numa árvore de magnólias rosadas, grasnando enquanto o orgônio se acumula e é liberado numa fração de segundo sobre a cidade... o verão começa. Eu posso ser seu amante... mas cuspo em cima do seu Milênio.

2.5 Comunicado #5

"Sadomasoquismo Intelectual é o Fascismo dos Anos 1980 – A Vanguarda Come Merda e Gosta"

CAMARADAS!

[8]Grupo radical inglês de proeminência entre os anos de 1649-54; influenciados pela ordem herege da Fraternidade do Espírito Livre (séc.XIV) e pela "Era do Espírito" de Joaquim de Fiore (séc.XII). (N.T)

Recentemente uma certa confusão sobre "Caos", levantada por certos setores revanchistas, importunou a AAO, forçando-nos (a nós, que desprezamos polêmicas) a enfim participar de uma Sessão Plenária devotada para denúncias *ex cathedra*, nefastas como o inferno; nossas faces de retórica, perdigotos voando de nossos lábios, as veias do pescoço inchadas com o fervor do púlpito. Devemos, por fim, nos resumir com cartazes com slogans raivosos (em caracteres de 1930) declarando o que a Anarquia Ontológica *não é.*

Lembrem-se de que só na física clássica o Caos tem qualquer coisa a ver com entropia, morte térmica e decadência. Em nossa física (Teoria do Caos), o Caos identifica-se com o Tao, mais além tanto do yin-como-entropia quanto do yang-como-energia, sendo mais um princípio de criação do que qualquer *nihil*, um vazio no sentido de *potentia*, não exaustão. (Caos como "a soma de todas as ordens".)

Dessa alquimia, quintessencializamos uma teoria estética. A arte do Caos pode ser aterrorizante, pode até atuar num *grand guignol*, mas jamais pode deixar-se encharcar em negatividade pútrida, tanatologia, *schadenfreude* (deleite com o sofrimento dos outros), sussurrando sobre memorabilia nazista e assassinatos em série. A Anarquia Ontológica não coleciona filmes pedantes e entedia-se profundamente com elites que vomitam filosofia francesa. ("Não há esperança alguma e eu já sabia disso antes de você, seu merda. Há!")

Wilhelm Reich foi quase levado à loucura total e assassinado por agentes da Praga Emocional. Talvez metade de sua trabalho deveria da mais absoluta paranóia (conspirações de OVNIs, homofobia, até mesmo sua teoria sobre o orgasmo), MAS em um ponto nós concordamos completamente – *sexpol*: repressão sexual alimenta a obsessão pela morte, o que leva à *más políticas.*

Uma grande parte da arte de vanguarda está saturada com Raios de Orgônio Mortal (ROM). A Anarquia Ontológica tem como objetivo construir detonadores de nuvens estéticas (armas-RO) para dispensar o miasma do sadomasoquismo cerebral que hoje em dia é considerado moderno, brilhante, inteligente, o máximo, o novo. Artistas "performáticos" automutiladores são para nós banais e estúpidos – sua arte deixa todo mundo *mais infeliz.* Que tipo de bosta barata conivente... que artistas babacas com cérebro de minhoca prepararam esse cozido apocalíptico?

É claro que a vanguarda parece "inteligente" – como Marinetti e os Futuristas, como Pound e Celine. Em comparação com esse tipo de inteligência, preferimos a estupidez real, a idiotice insossa e bucólica do New Age – preferimos ser idiotas a ficar *obcecados pela morte.* Mas, felizmente, não precisamos esvaziar o cérebro para alcançar nosso tipo raro de satori[9]. Todas as faculdades, todos os nossos sentidos são nossos, nossa propriedade – coração e cabeça, espírito e intelecto, alma e corpo. A nossa não é uma arte de mutilação, mas de excesso, superabundância, assombro.

Os distribuidores da melancolia sem sentido são os Esquadrões da Morte da estética contemporânea – e nós os "desaparecidos". Seu salão de bailes de fantasia com ocultos bricabraques do Terceiro Reich e assassinatos de crianças atrai os manipuladores do Espetáculo – a morte fica melhor na TV do que na vida – e nós, artistas do Caos, que pregamos uma alegria rebelde, somos encurralados e mantidos no silêncio.

Não é precisos dizer que rejeitamos toda a censura da Igreja e do Estado – mas, "depois da revolução", de bom grado assumiremos a responsabilidade individual e pessoal pela

[9]No zen-budismo, o estado de iluminação espiritual; o alcance repentino desse estado. (N.T)

queima de todo o embolorado lixo artístico dos Esquadrões da Morte e pela sua expulsão da cidade em caravana. (No contexto anarquista, a crítica torna-se uma *ação direta*.) Em *meu* espaço não cabe em Jesus e seus senhores das moscas nem Charles Manson e seus admiradores literários. Eu não quero nenhuma polícia mundana – nem assassinos cósmicos e seus machados; nenhum massacre com serra elétrica na TV, nenhum sensível romance pós-estruturalista sobre necrofilia.

No momento, a AAO nutre vaguíssimas esperanças de poder sabotar o mecanismo sufocante do Estado e seu circuito fantasmagórico – mas *podemos* chegar a ser capazes de fazer algo para diminuir as manifestações da praga dos ROM, como os comedores de cadáveres do Lower East Side e outros lixos artísticos. Apoiamos artistas que usam materiais *aterradores* para alguma "causa nobre" – que *usam* material sexual/afetivo de qualquer tipo, não importa se chocante ou ilegal – que usam sua raiva e asco e seus desejos verdadeiros de caminhar em direção à auto-realização, beleza e aventura. "Niilismo Social", sim – mas não o niilismo morto do autodesprezo gnóstico. Mesmo se for violento e abrasivo, qualquer um com um vestígio do terceiro olho consegue *enxergar* as diferenças entre a arte revolucionária pró-vida e a arte reacionária pró-morte. Os ROM fedem, e o nariz do artista do Caos pode senti-lo da mesma forma que discerne o perfume da alegria espiritual/sexual, mesmo quanto soterrado ou mascarado sob outros odores sombrios. Mesmo a Direita Radical, com todo seu horror da carne e dos sentidos, ocasionalmente aparece com um momento de percepção e aprimoramento da consciência – mas os Esquadrões da Morte, com todo seu cansativo discurso e suas abstrações revolucionárias modernas, oferecem-nos tanta energia libertária quanto o FBI, o FDA e os batistas recalcados.

Vivemos numa sociedade que faz propaganda de suas mercadorias mais caras com imagens de morte e mutilação, enviada diretamente para a parte sub-reptícia do cérebro das multidões através de aparelhos carcinógenos geradores de ondas alfa que distorcem a realidade – enquanto algumas imagens da vida (como a nossa favorita, de uma criança se masturbando) são banidas e punidas com uma ferocidade incrível. Não é preciso coragem para ser um Sádico da Arte, pois a morte libidinosa está no centro estético do Paradigma do Consenso.

"Esquerdistas" que gostam de se fantasiar e brincar de polícia e ladrão, pessoas que se masturbam olhando para fotos de atrocidades, pessoas que gostam de *pensar* e intelectualizar sobre a arte "qualquer jeito", a pretensiosa falta total de esperança, monstruosidade terrível, as *desgraças dos outros* – tais "artistas" não são nada além de policiais-sem-poder (uma definição perfeita também para muitos "revolucionários") Nós temos uma bomba negra para esses fascistas estéticos – ela explode em espuma e estalos, ervas hilariantes e pirataria, estranhas heresias xiitas e fontes paradisíacas borbulhantes, ritmos complexos, pulsações da vida, tudo o que for sem forma e raro.

Acorde! Respire! Sinta o hálito do mundo em sua pele! Aproveite o dia! Respire! Respire!

(Nossos agradecimentos a J. Mander por seu livro Four Arguments for the Abolition Of Television, a Adam Exit e ao mouro cosmopolita de Williamsburg.)

2.6 Comunicado #6

I. São do Apocalipse: “Teatro Secreto”

Conquanto nenhum Stalin fungue em nossos pescoços, por que não fazer *alguma* arte a serviço de... um insurreição?

Não importa se é “impossível”. O que mais devemos aspirar atingir senão o “impossível”? Devemos esperar que *outras pessoas* revelem nossos verdadeiros desejos?

Se a arte morreu, ou o público desapareceu, então nos encontramos livres de dois pesos mortos. Em potencial, todos nós somos algum tipo de artista – e potencialmente todo público recuperou sua inocência, sua capacidade de *tornar-se* a arte que experiência.

Desde que possamos escapar dos museus que carregamos dentro de nós mesmos, desde que conseguimos parar de nos vender ingressos para as galerias que existem dentro de nossos próprios crânios, poderemos começar a contemplar uma arte que recrie o objetivo do feiticeiro: mudar a estrutura da realidade pela manipulação dos símbolos vivos (neste caso, as imagens que nos foram “dadas” pelos organizadores desse salão – assassinato, guerra, fome e ganância).

Podemos agora contemplar ações estéticas que possuam um pouco da ressonância do terrorismo (ou “crueldade”, como definiu Artaud) e cujo objetivo é destruir as abstrações em vez de destruir as pessoas, a libertação em vez do poder, o prazer em lugar do lucro, a alegria e não o medo. “Terrorismo Poético.”

As imagens que escolhemos têm a potência da escuridão – mas todas as imagens são máscaras, e por trás dessas máscaras existem energias que podemos direcionar para a luz e o prazer.

Por exemplo, o homem que inventou o *aikido* era um samurai que se tornou pacifista e se recusou a lutar pelo imperialismo japonês. Ele acabou virando um eremita, vivia numa montanha sentado sob uma árvore...

Um dia, um ex-colega samurai foi visitá-lo e acusou-o de traição, covardia, etc. O eremita não disse nada, apenas continuou sentado – e então o soldado, irado, puxou sua espada e atacou-o. Espontaneamente, o mestre desarmado tomou a espada do soldado e devolveu-a em seguida. Várias vezes o soldado tentou matá-lo, usando todos os golpes mais sutis de seu repertório – mas a partir de sua mente vazia o eremita inventava, todas as vezes, novas maneiras de desramá-lo.

O soldado, é claro, tornou-se seu primeiro discípulo. Mais tarde, eles aprenderam a *esquivarem-se de balas*. Podemos contemplar alguma forma de metadrama criado para capturar um pouco do sabor dessa atuação, que deu origem a uma arte totalmente nova, um modo totalmente não violento de luta – guerra sem assassinato – “a espada da vida”, e não a da morte.

Uma conspiração de artistas, anônima como qualquer bombardeador maluco, mas voltada para um ato de generosidade gratuita no lugar da violência – para o milênio em vez de para o apocalipse – ou, ainda, apontada para o *presente momento* de choque estético a serviço da realização e liberação.

A arte conta maravilhosas mentiras que se tornam realidade.

É possível criar um TEATRO SECRETO onde o artista quanto a audiência desapa-

recem completamente – apenas para reaparecer em outro plano, onde a vida e a arte se tornam a mesma coisa, puro oferecimento das dádivas?

II. Assassinato – Guerra – Fome – Ganância

Os Maniqueus e os Cátaros acreditavam que o corpo pode ser espiritualizado – ou melhor, que o corpo simplesmente contamina o espírito puro e portanto deve ser rejeitado totalmente. Os gnósticos *perfecti* (dualistas radicais) não se alimentavam até morrer para escapar do corpo e retornar ao pleroma da luz pura.

Então: para fugir dos malefícios da carne – assassinato, guerra, fome ganância – paradoxalmente apenas existe um caminho: o assassinato do próprio corpo, guerra contra a carne, fome até a morte, ganância por salvação.

Os monistas radicais, no entanto (ismaelitas[10], ranters, antinomianos[11]), consideram que corpo e espírito são uma coisa só, que o mesmo espírito que impregna uma pedra negra também infunde a carne com sua luz; que vive e tudo é vida.

"As coisas são o que são espontaneamente... tudo é natural... tudo está em movimento como se existisse um Verdadeiro Senhor para movê-las – mas, se procuramos por evidências desse Senhor, não conseguiremos encontrá-las." (Kuo Hsiang)

Paradoxalmente, o caminho monista também não pode ser seguido sem algum tipo de "assassinato, guerra, fome, ganância": a transformação da morte em vida (comida, entropia negativa) – guerra contra o Império das Mentiras – "o jejum da alma", ou a renúncia à Mentira, a tudo que não é vida – e ganância pela própria vida, o poder absoluto do desejo.

Mais ainda: sem o conhecimento da escuridão ("conhecimento carnal") não pode existir o conhecimento da luz ("gnose"). Os dois conhecimentos não são meramente complementares: são *idênticos*, como a mesma nota tocada em duas oitavas diferentes. Heráclito afirma que a realidade persiste num estado de "guerra". Apenas notas opostas podem construir a harmonia. ("O Caos é a soma de todas as ordens.")

Dê cada um desses quatro termos uma máscara de linguagem diferente (chamar as Fúrias de "as Gentis" não é um mero eufemismo, mas uma maneira de revelar *ainda mais significados*).

Mascarados, ritualizados, percebidos como arte, os termos assumem sua beleza tenebrosa, sua "Luz Negra".

Em vez de assassinato, diga *caçada*, a pura economia paleolítica de todas sociedades tribais arcaicas e não autoritárias – venery[12], tanto a caça e o consumo da carne quanto o encanto de Vênus, do desejo. Em vez de guerra, diga *insurreição*, não a revolução de classes e poderes, mas a do eterno rebelde, o sombrio que revela a luz. Em vez de ganância, diga *ânsia*, desejo inconquistável, amor louco. E, em vez de fome, que é um

[10]Adepto do ismaelismo, seita muçulmana xiita surgida das disputas geradas no ano 765. d.C e que teve sua maior influência política no mundo islâmico entre os séculos X e XII. (N.E)

[11]Sectários da doutrina luterana de Johannes Schnitter (1492-1566); que afirma ser a fé, e não os atos, a única condição para a salvação. (N.T)

[12]Venery, em inglês, tem dois sentidos bem diferentes. O primeiro, que vem do latim venus (amor, desejo sexual), é de satisfação sexual. O outro, do francês venerie, que por vez tem origem no latim venari (caçada), é de caçada como esporte. (N.E)

tipo de mutilação, fale de completitude, inteireza, superanbundância, generosidade do eu sobe em espirais em direção ao Outro.

Sem esse baile de máscaras, nada seria criado. A mais antiga mitologia faz de Eros o primeiro rebento do Caos. Eros, o selvagem que pode domar, é a porta pela qual o artista volta ao Caos, ao Uno, e depois retorna, reaparece novamente, trazendo uma das formas da beleza. O artista, o caçador, o guerreiro: aquele que é ao mesmo tempo apaixonado e equilibrado, ganancioso e altruísta ao extremo. Devemos ser salvos de todas as salvações que querem salvar-nos de nós mesmos, do *animal* que é também nossa *anima*, nossa própria força de vida, e também nosso *animus*, nosso auto-apoderamento vitalizador, que pode até mesmo se manifestar como raiva e ganância.

A BABILÔNIA ensinou-nos que a nossa carne é imunda – escravizou-nos com esse argumento e a promessa de salvação. Mas, se a carne já estiver "salva", já for *luz* – e se até mesmo a própria consciência for um tipo de carne, um éter simultaneamente palpável e vivo –, então não precisamos de nenhum poder para interceder a nosso favor. A selva, como diz Omar, é o paraíso *agora mesmo*.

A verdadeira posse do *assassinato* pertence ao Império, pois apenas a liberdade é vida completa. A *guerra* também é babilônica – nenhuma pessoa livre morrerá pelo engrandecimento de uma outra. A *fome* passa a existir *apenas* com a civilização dos salvadores, os reis-padres – não foi José quem ensinou ao faraó a especular sobre as colheitas futuras? A *ganância* – pela terra, pela riqueza simbólica, pelo poder de deformar os corpos e as almas dos outros para sua própria *salvação* – a ganância tampouco surge da "natureza natural", mas do represamento e da canalização de todas as energia para a glória do Império.

Contra tudo isso, o artista tem o baile de máscaras, a radicalização total da linguagem, a invenção de um "Terrorismo Poético" que vai atacar não seres humanos, mas *idéias* malignas, pesos mortos na tampa do caixão dos nossos desejos. A arquitetura da asfixia e da paralisia será *destruída* apenas pela nossa celebração total de tudo – incluindo a escuridão.

— Solstício de Verão, 1986

2.7 Comunicado #7

Paleolitismo Psíquico e Alta Tecnologia: Um Ensaio de Posicionamento

Só porque a AAO fala de "paleolitismo" o tempo todo, não fique com a impressão de que queremos nos mandar de volta à Idade da Pedra.

Não temos o menor interesse em "voltar à natureza" se o pacote de viagem incluir a entediante vida de camponês chutador-de-bosta —nem queremos o "tribalismo" se ele vier com tabus, fetiches e má alimentação. Não temos nada contra o conceito de *cultura* – incluindo a *tecnologia*; para nós, o problema começa com a *civilização*.

O que gostamos da vida no Paleolítico foi resumido pela escola de antropologia dos povos sem autoridade: a elegante preguiça da sociedade do caçador/coletor, o trabalho de

duas horas por dia, a obsessão pela arte, dança, poesia e afetividade, a "democratização do xamanismo", o cultivo da percepção – em suma, a cultura.

O que nós detestamos na civilização pode ser deduzido da seguinte progressão: a "revolução agrícola"; a emergência das castas; a cidade e seu culto do controle hierático ("Babilônia"); escravidão; dogmas; imperialismo ("Roma"). A supressão da sexualidade no "trabalho" sob a égide da "autoridade". "O Império nunca terminou."

Um *paleolitismo psíquico*, baseado na Alta Tecnologia – pós-agrícola, pós-industrial, "Trabalho-Zero", nômade (ou "Cosmopolita Desenraizado") – uma Sociedade de Paradigma do Quantum – essa constitui uma visão ideal do futuro segundo a Teoria do aos e a "futurologia" (no sentido que Robert Anton Wilson e T. Leary dão para o termo).

Quanto ao presente: rejeitamos todo tipo de colaboração com a Civilização da Anorexia e da Bulimia, com pessoas tão envergonhadas de nunca terem sofrido que inventam máscaras penitentes para si mesmas e para os outros – ou aqueles que se empanturram sem dó e depois despejam o vômito de sua culpa suprimida em grandes acessos masoquistas de exercícios e dietas.

Todos os *nossos* prazeres e autodisciplina nos pertencem por natureza – nunca nos negamos, nunca desistimos de nada; mas algumas coisas desistiram de nós e nos deixaram, porque somos muito grandes para elas. Sou ao mesmo tempo o homem da caverna, o mutante das estrelas, o seu conterrâneo e o príncipe livre. Uma vez um chefe indígena foi convidado para um banquete na Casa Branca. Quando a comida foi servida, o chefe encheu seu prato ao máximo possível, não apenas uma, mas três vezes. Enfim, o branquelo sentado ao seu lado disse: Chefe, he, he, he, você não acha que é um pouco demais?" "Uh", disse o chefe, "um pouco demais é *perfeito* para o Chefe!"

No entanto, certas doutrinas da "futurologia", continuam problemáticas. Por exemplo, mesmo que aceitemos o potencial libertador das novas tecnologias como a TV, os computadores, a robótica, a exploração espacial etc., ainda percebemos uma grande distância entre o potencial e realização. A banalização da TV, a "burguesificação" dos computadores e a militarização dos espaço sugerem que essas tecnologias, por si só, não oferecem nenhuma garantia "específica" para seu uso libertário.

Mesmo se rejeitarmos o holocausto nuclear como apenas mais uma diversão espetacular orquestrada para distrair nossa atenção dos problemas *reais*, devemos admitir que a "Inevitável Destruição Mútua" e a "Guerra Pura" tendem a diminuir nosso entusiasmo por alguns aspectos da aventura da Alta Tecnologia. A Anarquia Antológica mantém sua afeição pelo luddismo como tática: se uma dada tecnologia, não importa o quão admirável em termos de potencial (no futuro), é usada para oprimir-me aqui e agora, então eu devo ou empunhar a arma da sabotagem, ou dominar os meios de produção (ou, talvez mais importante, os meios de *comunicação*). Não há humanidade sem *téchne* – mas não há *téchne* mais valiosa do que minha humanidade.

Desprezamos o anarquismo panaca e antitecnológico – pelo menos no que nos diz respeito (há aqueles que dizem que gostam da vida do campo) – e rejeitamos também o conceito de uma Solução Tecnológica. Para nós, todas as formas de determinismo são igualmente insípidas – não somos escravos nem de nossos genes nem de nossas máquinas. O que é "natural" é aquilo que *imaginamos e criamos*. "A Natureza não tem leis – apenas hábitos."

Para nós, a vida não pertence nem ao passado – a terra dos famosos fantasmas amon-

toando seus fúnebres e desbotados bens –, nem ao futuro, cujos cidadãos mutantes com cérebro em forma de bulbo guardam com zelo os segredos da imortalidade, do vôo mais rápido que a velocidade da luz, dos genes desenhados artificialmente e do encolhimento do Estado.

Aut nunc aut nihil. Todo momento contém uma eternidade a ser penetrada – no entanto, perdemo-nos em visões assimiladas através dos olhos de cadáveres, ou na nostalgia por uma perfeição ainda não nascida.

As realizações dos meus ancestrais e descendentes não são, para mim, nada mais do que um conto instrutivo e interessante – eu jamais os verei como superiores, mesmo para desculpar minha própria pequenez. Mandarei imprimir para mim mesmo uma licença para roubar deles tudo o que eu quiser – paleolitismo psíquico ou alta tecnologia – ou, que seja, os belos detritos da própria civilização, os segredos dos Mestres Ocultos, os prazeres da nobreza frívola e *la vie boheme.*

La décadence. Nietzsche, ao contrário e apesar dela, possuir um papel tão profundo na Anarquia Ontológica quanto a saúde – cada um toma o que quiser do outro. Estetas decadentes não travam guerras estúpidas nem submergem sua consciência no ressentimento e na ganância microcefálicos. Eles buscam aventura na inovação artística e na sexualidade não ordinária, em vez de buscá-la na desgraça alheia. A AAO admira e emula sua indolência, seu desdém pela estupidez e normalidade, sua expropriação das sensibilidades aristocráticas. Para nós, essas qualidades harmonizam-se paradoxalmente com aquelas da Idade da Pedra e sua abundante saúde, ignorância de qualquer hierarquia, cultivo da *virtu* em vez da *Lei.* Exigimos decadência sem doença, e saúde sem tédio!

Assim, a AAO oferece apoio incondicional para todos os povos indígenas e tribais em sua luta por completa autonomia – e, ao mesmo tempo, para todas as especulações e aspirações mais doidas e fora da realidade dos futurologistas. O paleolitismo do futuro (que, para nós, mutantes, já existe) será alcançado em grande escala através de uma maciça tecnologia de Imaginação, e de um paradigma científico que vá atém da mecânica quântica para o reino da Teoria do Caos e da ficção especulativa.

Como cosmopolitas desenraizados, reivindicamos todas as belezas do passado, do Oriente, das sociedades tribais – tudo isso deve e pode ser nosso, mesmo os tesouros do Império: nosso para compartilharmos. E, ao mesmo tempo, exigimos uma tecnologia que transcenda a agricultura, a indústria, a simultaneidade da eletricidade, um hardware que faça a interseção com o aparelho vivo da consciência, que abranja o poder dos quarks, das partículas que viajam no tempo, do quasares e dos universos paralelos.

Cada ideólogo enfurecido do anarquismo e do indeterminismo prescreve alguma utopia análoga aos vários tipos de visão que eles têm, da comuna camponesa à cidade espacial L-5. Nós dizemos: Deixamos que um milhão de plantas floresçam – sem nenhum jardineiro para arrancar ervas daninhas e proibir brincadeiras de acordo com algum esquema moralizante ou eugenista. O único conflito verdadeiro é entre a autoridade do tirano e a autoridade do ser realizado – todo o resto é ilusão, projeção psicológica, verborragia.

Num certo sentido, os filhos e filhas de Gaia nunca deixaram o Paleolítico; noutro, todas as perfeições do futuro já são nossas. Apenas a insurreição “resolverá” essa paradoxo – apenas o levante contra a falsa consciência e a pobreza do Espetáculo. Nessa batalha, uma máscara pintada ou o chocalho de um xamã pode vir a ser vital para a captura de um satélite de comunicação ou de uma rede secreta de computador.

Nosso único critério de julgar uma arma ou uma ferramenta é sua beleza. De certo modo, os meios já *são* os fins. A insurreição já *é* nossa aventura. Torna-se É Ser. Passado e futuro existem dentro de nós e para nós. Estamos livres no TEMPO – e estaremos livres no ESPAÇO também.

(Nossos agradecimentos a Hagbard Celine, o sábio de Howth e redondezas.)

2.8 Comunicado #8

A Teoria do Caos e A Família Nuclear

Domingo no Parque de Riverside, os pais colocam se filhos no lugar certo, "pregando-os" à grama como se por mágica, com sinistros olhares enfeitiçantes de camaradagem leitosa, e os forçam a jogar bolas de beisebol para um lado e para o outro durante horas. Os garotos quase parecem pequenos São Sebastião perfurados por flechas de tédio.

Os pretensiosos rituais de diversão familiar transformam todos os úmidos gramados do verão em parques temáticos; cada filho, uma alegoria inconsciente da riqueza do pai, uma representação pálida, duas ou três vezes distanciadas da realidade: a criança como metáfora de uma-coisa-ou-outra.

E aqui eu chego ao cair da tarde, chapado de pó de cogumelos, meio convencido de que essas centenas de vaga-lumes surgem da minha própria consciência – Onde andavam eles todos esses anos? Por que tantos, tão de repente? – cada um ascendendo num momento de incandescência, descrevendo rápidos arcos como gráficos abstratos da energia do esperma.

"Famílias! Os avaros do amor! Como eu as odeio!" Bolas de beisebol voam sem rumo da luz vespertina, algumas se perdem, as vozes elevam-se em exaustão mendigada, mas ainda assim os Pais insistem em estender o tépido poslúdio de seu sacrifício patriarcal até a hora do jantar, até que as sombras comam a grama.

Entre os filhos da plebe há um cujo olhar por um momento cruza com o meu – transmito telepaticamente a imagem da doce licença, o cheiro do TEMPO liberto de todas as amarras da escola, das lições de música, dos acampamentos de férias, das noites familiares ao redor da TV, dos domingos no parque com papai – tempo autêntico, tempo caótico.

Agora a família está deixando o parque, um pequeno batalhão de insatisfação. Mas *aquele* menino se volta e sorri para mim, em cumplicidade – "Mensagem Recebida" – e dança atrás de um vaga-lumes, encorajado por meu desejo. O pai ladra um mantra que dissipa meus poderes.

O momento passa. O garoto é engolido pela textura da semana – desaparece como um pirata seminu ou um índio que foi levado prisioneiro pelos missionários. O parque sabe quem eu sou, mexe-se sob mim como um jaguar gigante pronto para despertar para sua meditação noturna. A tristeza ainda o detém, mas ele continua indomado na sua essência mais profunda: uma estranha desordem no coração da noite da cidade.

2.9 Comunicado #9

Duplas Denúncias

I. Kristianismo

Uma vez mais esperamos que aquele cadáver moralista finalmente dê seu último suspiro rançoso e se transforme definitivamente em abóbora. Uma vez mais imaginamos a derrota daquele obsceno espectro da morte pregando nas paredes de nossas salas de estar, nunca mais a lamentar sobre nossos pecados...

mas, uma vez mais, ele ressuscita e volta, arrastando-se para nos caçar como o vilão de um chatíssimo filme pornô de quinta categoria – a milésima refilmagem de A Noite dos Mortos Vivos – trilhando seu rastro de lesma de humilhação lacrimosa... logo quando você pensou que estava salvo no inconsciente... eis as MANDÍBULAS[13] de JESUS. Atenção! É o ataque dos Batistas Barra-Pesada da Serra Elétrica!

e os Esquerdista, nostálgicos pelo Ponto Ômega de seu paraíso dialético, saúdam cada renascimento galvanizado da fé putrefata com arrulhos de delírio: Vamos dançar um tango com todos os bispos marxistas da América Latina – cantar uma balada para os pios estivadores poloneses – sussurrar canções espirituais para o mais recente e promissor afro-metodista presidenciável do Cinturão da Bíblia[14]...

A AAO denuncia a Teologia da Libertação como uma conspiração das freiras stalinistas – o acordo secreto escarlate da Puta da Babilônia com o fascismo vermelho dos trópicos. *Solidarnosc?* O próprio sindicato do Papa – apoiado pela Federação Americana do Trabalho/Congresso de Organizações Industriais (AFL-CIO), pelo Banco do Vaticano, pelo Gabinete de Propaganda da Maçonaria e pela Máfia. E, se nós alguma vez votarmos, jamais gastaremos esse gesto vazio com algum cão kristão, não importa sua raça ou cor.

Quanto aos kristãos *reais*, esses tediosos fanáticos autolobotomizados, esses mórmons assassinos de crianças, esses Guerreiros Estelares da Escravidão pela Moralidade, televangelistas outoflageladores, esquadrões de zumbis da Abençoada Virgem Maria (que paira numa nuvem cor-de-rosa sobre o Bronx, vomitando ódio, excomunhões e bile sobre a sexualidade das crianças, das adolescentes grávidas e das bichas)...

Quanto aos que cultuam verdadeiramente a morte, canibais ritualísticos, freaks do Armagedom – a Direita Cristã – só podemos rezar para que o ÊXTASE ACONTEÇA e arranque-os de detrás dos volantes de seus carros, dos Programas de auditório e das camas castas, leve-os todos para o céu e *deixe-nos* viver nossa *vida humana.*

II. Pró-aborto e Antiaborto

Os Capiaus Retrógrados que jogam bombas em clínicas de aborto pertencem à mesma categoria grotesca de estupidez depravada que os bispos que pregam a Paz e ainda assim condenam a sexualidade humana. A natureza humana não tem leis ("apenas hábitos"), e todas as leis não são naturais. *Tudo* pertence à esfera da moralidade pessoal/imaginária – até mesmos o assassinato.

[13]Jaws no original, que também pode significar "sermão", "conversa maçante". (N.E)

[14]Bible Belt, estados norte-americanos sulistas e do meio oeste de maioria cristã conservadora. (N.E)

No entanto, segundo a Teoria do Caos, nós não somos obrigados a gostar e aprovar o assassinato – ou o aborto. O Caos gostaria de ver toda criança bastarda gerada e nascida; óvulo e esperma, separados, são apenas secreções adoráveis, mas combinados em DNA tornar-se consciência em potencial, a entropia negativa, alegria.

Se “comer carne é assassinato”, como os vegetarianos afirmam, o que é o aborto? Os totemistas que dançavam para os animais que caçavam, que meditavam para se unir ao seu alimento vivo e compartilhavam de sua tragédia, demonstravam valores muito mais humanos do que a média da classe das feministas liberais “pró-aborto”.

Em toda “questão” a ser considerada para debate no livro de regras do Espetáculo, *ambos os lados* são invariavelmente cheios de merda. A “questão do aborto” não é uma exceção.

2.10 Comunicado #10

Sessão Plenária Levantas Novas Denúncias – Expurgos são Esperados

Para contrabalançar qualquer carma viscoso que possamos ter adquirido com o nosso irado sermãozinho de púlpito contra os cristãos e outros desagradáveis adeptos do fim do mundo ver o último comunicado) e apenas para deixar tudo muito claro: a AAO também denuncia todos os *ateus* renascidos imbecis e sua fétida bagagem vitoriana de materialismo científico vulgar.

//// Nós aplaudimos os sentimentos anticristãos, é claro – e todos os ataques a *todas* religiões organizadas. Mas... ao ouvir alguns anarquistas falarem, pode-se pensar que os anos 1960 nunca aconteceram e que ninguém tomou LSD.

//// A maioria dos cientistas, com Alice nos Loucos Países do Quantum e da Teoria do Caos, parte para o taoísmo e para o vedanta (para não falar no dadaísmo) – e ainda assim, se lermos The Match ou Freedom[15], poderemos pensar que a ciência foi embalsamada com o príncipe Kropotkin – e a “religião”, com o bispo Ussher.

//// É claro que desprezamos os nazistas da era de Aquário, o tipo de guru louvado recentemente pelo The New York Times por sua contribuição aos Grandes Negócios, o culto aos zumbis yuppies que outorgam franquias, a metafísica anoréxica da banalidade New Age... mas NOSSO esoterismo continua indefinível para esses medíocres contadores de dinheiro e seus servos descerebrados.

//// Os míticos heréticos e antinomianos do Oriente e do Ocidente desenvolveram sistemas fundamentados na *libertação interior*. Alguns desses sistemas estão maculados pelo misticismo religioso ou “psicológicos” – e alguns até mesmo se cristalizaram em movimentos revolucionários (os igualitários milenaristas, os Assassinos, os taoístas de turbante amarelo etc.). Quaisquer que sejam suas falhas, eles têm uma certa arma mágica que o anarquismo dolorosamente não possui:

(1) Um sentido de *meta-racional* (“metanóia”), formas de ir além do pensamento fragmentado, para se chegar a um pensamento e percepção uniformes (ou nômandes, ou

[15]Publicação anarquista. (N.E)

"caóticos"); (2) uma definição verdadeira da consciência auto-realizada ou liberada, uma descrição positiva de sua estrutura, e as técnicas utilizadas para se chegar até ela; (3) uma visão arquetípica coerente da epistemologia – ou seja, uma forma de conhecimento (sobre história, por exemplo) que usa a fenomenologia hermenêutica para descobrir padrões de *significado* (algo como a "crítica paranóica" dos surrealistas); (4) um ensinamento sobre sexualidade (nos aspectos "tântricos" de várias doutrinas) que valoriza o prazer em vez da autonegação, não apenas por puro deleite, mas também como meio para uma consciência ou "libertação" aprimoradas;

(5) uma atitude de celebração, que pode ser chamada de "conceito de júbilo", o cancelamento de débitos psíquicos por meios de uma generosidade inerente à própria realidade; (6) uma *linguagem* (incluindo gestos, rituais, intenção) com a qual ativar e comunicar esses cinco aspectos da cognição; e (7) um silêncio. //// Não é surpresa alguma descobrir quantos anarquistas são ex-católicos, padres e freiras à paisana, ex-coroinhas, batistas renascidos que escapuliram ou mesmo ex-xiitas fanáticos.

O anarquismo oferece uma missa negra (e vermelha) para des-ritualizar todos os cérebros assombrados por fantasmas – um exorcismo secular –, mas então trai a si mesmo ao criar com remendos sua própria Igreja, toda ela coberta pelas teias de aranha do Humanismo Ético, do Pensamento Livre, do Ateísmo Muscular e da rude Lógica Cartesiana Fundamentalista. //// Há duas décadas demos início ao projeto de nos tornar Cosmopolitas Desenraizados, determinados a peneirar os detritos de todas as tribos, culturas e civilizações (inclusive a nossa) atrás de fragmentos viáveis – e sintetizar, dessa bagunça pós-ortodoxias, o nosso próprio sistema de vida – a última coisa que queremos (como advertiu Blake) é nos tornar escravos de alguém. //// Se algum feiticeiro javanês ou xamã de uma tribo de índios americanos possuir algum fragmento precioso que eu necessite para minha própria "maleta de médico", devo eu olhá-lo com desprezo, zombar dele e citar a frase de Bakunin sobre enforcar padres com as vísceras dos banqueiros? Ou devo lembrar-me de que a anarquia não conhece dogma, que o Caos não pode ser mapeado – e servir-me de tudo sem me sentir acorrentado? /// Encontramos as primeiras definições de anarquia no *Chuang Tzu* e outros textos taoístas; o "anarquismo-místico" ostenta uma linhagem bem mais antiga do que o racionalismo grego. Quando Nietzsche escreveu sobre os "hiperboreanos", acho que estava profetizando a *nós* – que fomos além da morte de Deus – e do renascimento da Deusa – a atingir um reino onde o espírito e a matéria são uma coisa só. Toda manifestação desta hierogamia, todo objeto material e toda vida, tornam-se não apenas "sagrados" em si mesmos, mas também algo simbólico de sua própria "essência divina". //// O ateísmo nada mais é do que o ópio do povo (ou melhor, o paladino que ele mesmo escolheu) – e não uma droga muito fascinante ou sensual. Se formos seguir o conselho de Baudelaire e "estarmos constantemente embriagados", a AAO preferia algo como os cogumelos, muito obrigado. O Caos é o mais velho de todos os deuses – e o Caos nunca morreu.

2.11 Comunicado #11

Especial e Bombástica Declaração de Férias Sobre Alimentos: Abaixo o Light!

A Associação para a Anarquia Ontológica conclama um boicote de todos os produtos comercializados sob a senha de LIGHT – cerveja, carne, doces, cosméticos, música, "estilos de vida" pré-fabricados, o que for.

O conceito de LIGHT (no jargão situacionista) desdobra um complexo de simbolismo através do qual o Espetáculo espera controlar toda a repulsa contra o seu mercantilismo do desejo. O produto "natural", "orgânico", "saudável", é designado para um setor do mercado constituído por pessoas levemente insatisfeitas que apresentam um quadro mediano de horror do futuro e possuem uma aspiração mediana por uma autenticidade tépida. Um nicho foi preparado para *você*, suavemente iluminado pelas ilusões de simplicidade, limpeza, elegância, uma pitada de ascetismo e autonegação. Claro, custa um pouco mais... afinal, o que é LIGHT não foi feito para primitivos pobre e famintos que ainda consideram comida nutrição e não décor. *Tem* de custar mais – senão, *você* não compraria.

A classe média americana (não sofisme, você sabe o que quero dizer) divide-se naturalmente em duas facções opostas, mas complementares: os exércitos da Anorexia e os da Bulimia. Casos clínicos dessas doenças representam apenas a espuma psicossomática sobre a onda de uma patologia cultural profunda, difusa e amplamente inconsciente. Os que sofrem de bulimia são os yuppies que se fartam com margaritas e videocassetes, e depois se purgam com alimentos LIGHT, jogging e ginástica (an)aeróbica. Os anorexos são rebeldes por um "estilo de vida", seguidores da última moda em alimentação, comedores de algas, tristes, desespiritualizados e abatidos – mas presunçosos em seu zelo puritano e em seus instrumentos de autoflagelo com design sofisticado.

A grotesca junk food simplesmente representa o outro lado da vampiresca health food: – nada tem gosto de nada que não seja isopor ou aditivos – tudo é ou entediante ou cancerígeno – ou ambos – e incrivelmente *estúpido*.

Seja ela crua ou cozida, a comida não pode escapar do simbolismo. Ela *é*, e simultaneamente também *representa*, aquilo que é. Toda comida é comida para a alma; ignorar isso é cortejar uma indigestão, tanto crônica quanto metafísica.

Mas na abóbada sem ar da nossa civilização, em que praticamente toda experiência é mediada, em que a realidade é filtrada através da malha mortífera da percepção-consenso, perdemos o contato com a comida como *nutrição*; começamos a construir para nós mesmos personas baseadas naquilo que consumimos, tratando *produtos* como projeções da nossa aspiração pelo autêntico.

A AAO às vezes visualiza o CAOS como uma cornucópia de criação contínua, um tipo de gêiser de generosidade cósmica. Portanto evitamos advocar qualquer dieta específica, a última coisa que queremos é ofender a Sagrada Multiplicidade e a Divina Subjetividade. Não vamos azucriná-los com mais uma prescrição New Age para a saúde perfeita (só os mortos têm saúde perfeita); temos interesse pela *vida*, não por "estilos de vida".

Adoramos leveza verdadeira, e o denso e elaborado nos deleitam na sua hora apropriada. O excesso nos cai perfeitamente; a moderação nos agrada, e aprendemos que a fome pode ser o mais fino dos temperos. Tudo *é* leve, e as flores mais exuberantes crescem ao

redor da privada. Sonhamos com mesas falansterianas e com cafés de Bolo'Bolo onde todo grupo festivo de convivas compartilhará a genialidade individual de um Brillat-Savarin[16] (aquele santo do bom gosto).

O xeque Abu Sa'id[17] nunca economizou dinheiro ou mesmo guardou-o de um dia para o outro – portanto, sempre que algum patrono doava uma quantia generosa para a sua fraternidade de religiosos, os dervixes celebravam com uma banquete; e, nos outros dias, todos passavam fome. A idéias era apreciar os dois estados, cheio e vazio...

O produto LIGHT faz uma paródia do vazio espiritual da iluminação, assim como o McDonald's traveste o imaginário da completitude e da celebração. O espírito humano (para não mencionar a *fome*) pode conquistar e transcender todo esse fetichismo – a alegria pode irromper mesmo num Burger King, e até uma cerveja LIGHT talvez esconda uma dose dionisíaca. Mas por que deveríamos continuar lutando contra esta maré suja de produtos insossos, fajutos e caros, quando poderíamos estar bebendo vinho do Paraíso agora mesmo, sob nossas próprias parreiras e figueiras?

A comida pertence ao reino da vida diária, a arena principal de todo ato insurrecional de tornar-se poderoso, de toda auto-elevação espiritual, de toda retomada do prazer, de toda revolta contra a Máquina Planetária do Trabalho e seus desejos de imitação. Mantenhamo-nos longe de todo dogmatismo. Que o caçador de uma tribo indígena americana possa alimentar sua alegria com um esquilo frito; e o anarco-taoísta, com um punhado de damascos secos. Milarepa, o tibetano, depois de dez anos de sopa de macarrão. Comeu um bolo de manteiga e alcançou a iluminação.

Um bronco não percebe *eros* nenhum num champanhe fino; um feiticeiro pode se embriagar com um copo d'água.

Nossa cultura, asfixiando-se em seus próprios poluentes, grita (como Goethe gritou por luz ao morrer) "Mais LIGHT!" – como se esses efluentes poliinsaturados pudessem de algum modo aliviar nosso sofrimento, como se a sua insossa falta de peso, paladar e características pudesse nos proteger da escuridão crescente.

Não! Esta última ilusão finalmente nos parece cruel demais. Apesar de nossas Próprias tendências indolentes somos forçados a nos posicionar e protestar. Boicote! Boicote! ABAIXO O LIGHT!

Apêndice: Cardápio para um Banquete Negro Anarquista (vegetariano e não vegetariano)

Caviar e blinis[18], ovos com mais de cem anos; lulas e arroz cozido na tinta; beringelas cozidas com casca com alho preto em conserva; arroz silvestre com nozes negras e cogumelos negros; trufas na manteiga enegrecida; carne de caça marinada em vinho do porto, grelhada no carvão, servida com fatias de pão preto e guarnecida com castanhas assadas. Cuba-libres, Guiness-e-champanhe; chá preto chinês. Musse de chocola- te amargo, café turco, uvas negras, ameixas, cerejas etc.

---

[16]Advogado, economista e gastrônomo francês (1755-1826), conhecido por seu tratado sobre a arte de comer. (N.T)

[17]Mestre sufi famoso por seu misticismo expansivo, sua boêmia e seu senso de humor (967-1049). (N.T)

[18]Panquecas pequenas e finas, geralmente servidas com caviar e uma espécie de coalhada. (N.T)

2.12 Comunicado Especial do Dia das Bruxas

Magia Negra como Ação Revolucionária

Prepare uma tintura de açafrão puro e genuíno misturado com água de rosas, adicionando, se possível, um pouco de sangue de um galo negro. Num quarto silencioso, instale um altar com uma Vasilha cheia de tintura, uma caneta com ponta de ferro, sete velas negras, incenso e um pouco de benjoim. O feitiço pode ser escrito num papel ou pergaminho virgem. Desenhe o diagrama às 4 horas da tarde de uma quarta-feira, de frente para o Norte. Copie o diagrama de sete pontas (veja ilustração) sem levantar a caneta do papel, numa operação contínua, prendendo a respiração e apertando a língua contra o céu da boca. Isso é o *Barisan Laksamana*, ou o Reio dos Djins. Daí desenhe a Estrela de Davi (que representa um djim de cinco pontas) e as outras partes do diagrama. Sobre a estrela de Davi, escreva o nome da pessoa ou instituição que será amaldiçoada. Mantenha o papel sobre a fumaça do benjoim e evoque os djins branco e negro *dentro de você.*

Bismillah ar-Rahman ar-Rahim

as-salaam alikum

Ó, Branco Djim, Resplendor de Maomé

rei de todos os espíritos dentro de mim

Ó, Negro Djim, sombra de mim mesmo

VÃO, destruam me inimigo

– e se não o fizerem

considerem-se traidores de Alá –

pelo efeito do feitiço

La illaha ill'Allah

— Mohammad ar-Rasul Allah

Se a maldição for direcionada para uma pessoa opressora, uma boneca de cera pode ser preparada e o feitiço, instalado.

Sete agulhas devem ser inseridas de cima para baixo no topo da cabeça, nas axilas esquerda e direita, quadris esquerdo e direito, lábios ou narinas. Embrulhe a boneca numa mortalha branca e enterre-a no solo sobre o qual o inimigo com certeza passará. Enquanto isso, recrute a ajuda dos espíritos da terra do local:

Bismillah ar-rahman ar-Rahim

Ó, Djim da Terra, Espírito-sujo

Ó, Negro Djim que vive debaixo da terra

escute, vampiro do solo

Eu vos ordeno que marque e destrua

o corpo e a alma de ____________

Obedeça minha ordens

pois eu sou o verdadeiro e original feiticeiro

pelo efeito do feitiço

La illaha ill'Allah

— Mohammad ar-Rasul Allah

Se, no entanto, a maldição for direcionada a uma instituição ou empresa, colete os seguintes itens: um ovo cozido, um prego de ferro e três alfinetes de ferro (enfie o prego e os alfinetes no ovo); um escorpião, lagarto e/ou besouros secos; uma pequena bolsa de camurça com terra de cemitério, retalhos de ferro magnetizado, goma fétida e enxofre, e amarrada com uma laço vermelho. Costure o feitiço numa seda amarela e sele-o com cera vermelha. Coloque tudo isso numa garrafa de boca larga, feche com rolhas e sele com cera.

A garrafa pode agora ser cuidadosamente empacotada e enviada pelo correio para a instituição-alvo – por exemplo, um programa de televisão evangélico, o *New York Post*, a empresa MUZAK, uma escola ou universidade – com uma cópia da seguinte declaração (cópias extras podem ser enviadas para os funcionários , e/ou espalhadas de forma furtiva pelo prédio):

Maldição do Djim Negro Maldito

Estas instalações foram amaldiçoadas por magia negra. A maldição foi realizada de acordo com rituais corretos. Estas instituição é amaldiçoada porque tem oprimido a Imaginação e desonrado o Intelecto, degradado as arte a fim de estupidificá-las e promovido a escravidão espiritual, a propaganda para o Estado e o Capital, reações puritanas, lucros injustos, mentiras e arruinamento estético. Os funcionários desta instituição agora correm perigo. Nenhum indivíduo foi amaldiçoado, mas o local foi infectado com má sorte e malignidade. Aqueles que não despertarem e partirem, ou que não começarem a sabotar o local de trabalho, irão gradualmente sofrer os efeitos desta feitiçaria. Destruir ou remover o instrumento deste feitiço não surtirá nenhum efeito. Ele foi visto neste local, e o local está amaldiçoado. Recupere sua humanidade e revolte-se em nome da Imaginação – ou será considerado (sob o espelho deste feitiço) um inimigo da raça humana.

Sugerimos que o "crédito" desta ação seja dado a alguma outra instituição culturalmente ofensiva, como a Sociedade Poética Americana ou a Cruzada de Mulheres contra a Pornografia (dê o endereço completo).

Para contrabalançar o efeito que a evocação do djim negro pessoal possa ter sobre você, também sugerimos que envie uma *benção mágica* para alguém ou algum grupo que você ame e/ou admire. Faça isso anonimamente, e envie um belo presente. Não é necessário seguir nenhum ritual preciso, mas você deve permitir que o imaginário brote da fonte da consciência num estado meditativo intuitivo/espontâneo. Use incenso aromático, velas vermelhas e brancas, balas coloridas, vinho, flores etc. Se possível, inclua no presente prata, ouro ou jóias.

Este manual da Maldição do Djim Negro Malaio foi preparado pelo Comitê de Terrorismo Cultural da Câmara dos Adeptos da HMOCA[19] ("Terceiro Paraíso") de acordo

[19]Sagrada Igreja Ortodoxa Muçulmana na América. (N.E)

com rituais autênticos e completos. Nós somos Esotéricos Nazari-ismaelitas; ou seja, xiitas heréticos e fanáticos cuja linhagem espiritual provém de Hassan-i Sabbah através de Aladdin Mohammad III, "o Louco", sétimo e último Pir de Alamut (e não através da linhagem da Aga Khans). Adotamos o monismo radical e o antinominalismo puro, e nos opomos a *todas* as formas de lei e autoridade, em nome do Caos.

Atualmente, por razões estratégicas, não recomendamos violência ou feitiçaria contra indivíduos. Proclamamos ações contra *instituições* e *idéias* – arte-sabotagem e propaganda clandestina (incluindo rituais mágicos e "pornografia tântrica") – e especialmente contra a venenosa mídia do Império das Mentiras. A Maldição do Djim Negro representa apenas o primeiro passo na campanha do Terrorismo Poético, que – acreditamos – vai gerar outras formas menos sutis de insurreição.

COMUNICADO ESPECIAL

2.13 Comunicado Especial

A AAO Anuncia Expurgos no Movimento do Caos

A Teoria do Caos deve, é claro, fluir *impuramente*. "O roceiro preguiçoso ara sulcos tortos." Qualquer tentativa de precipitar a formação de um cristal ideológico iria gerar uma rigidez desconjuntada, fossilizações, o uso de armaduras e uma aspereza a que preferíamos então renunciar, junto com toda a "pureza". Sim, o Caos regozija-se numa certa falta de forma desleixada semelhante à erótica desordem daqueles que amamos por sua capacidade de destruir hábitos e revelar mutabilidades.

No entanto, essa flexibilidade não significa que a Teoria do Caos deva aceitar todo sanguessuga que procura se prender às nossas membranas sagradas. Certas definições ou deformações do Caos merecem ser denunciadas e nossa dedicação para com a desordem divina não pode nos deter em desbancar os traidores e artistas oportunistas e vampiros psíquicos que agora zumbem ao redor do Caos sob a impressão de que esta é a tendência da moda. Não propomos uma Inquisição em nome de *nossas* definições, mas sim um duelo, uma disputa, uma ato de violência ou de repúdio emocional, um exorcismo. Primeiro, gostaríamos de definir e mesmo nomear nossos inimigos.

1. Todos estes artistas, com fixação na morte e mutilação que associam o Caos exclusivamente com miséria, negatividade e uma pseudolibertinagem sem alegria – aqueles que pensam que "além do bem e do mal" significa fazer o mal – os intelectuais sadomasoquistas, seresteiros do apocalipse – os novos gnósticos dualistas, gente que odeia o mundo e niilistas atrozes.

2. Todos esses cientistas que vendem o Caos tanto como uma força destruidora (por exemplo, armas com raios de partículas) quanto como um mecanismo para impor a Ordem, como no caso do uso da matemática do Caos para estatísticas sociológicas e controle das massas.

3. Todos aqueles que se apropriam do Caos em nome de algum esquema New Age. Claro, *nós* não faremos nenhuma objeção se você quiser nos dar todo o seu dinheiro,

mas vamos deixar bem claro: vamos gastá-lo comprando maconha ou viajando para o Marrocos.

Você não consegue vender água na beira do rio; o Caos é a *matéria* sobre a qual os alquimistas falaram, que os tolos consideram mais valiosa do que o ouro, embora possa ser encontrada em qualquer pilha de lixo. O maior inimigo nesta categoria é Werner Erhardt, fundador do *EST*[20], que agora está engarrafado "Caos" e tentando vender franquias para yuppóides.

Segundo, listaremos alguns dos nossos amigos, para dar uma idéia das tendências díspares que desfrutamos dentro da Teoria do caos: Caótica, a zona autônoma imaginária descoberta por Feral Faun (também conhecido por Feral Ranter); a Academia de Artes Caóticas de Tundra Wind; a revista *KAOS*, de Joel Birnoco; *Chaos Inc.*, um boletim informativo associado ao trabalho de Ralph Abraham, um proeminente cientista do Caos; a Igreja de Eris; o Zen da Discórdia; a Igreja Ortodoxa Islâmica; certas facções da Igreja dos Subgênios; a Sagrada Cruzada de Nossa Senhora dos Caos Perpétuo; os escritores associados com o "anarquismo tipo-3" e periódicos como o *Popular Reality*, etc. Os Postos estão tomados. Caos não é entropia, Caos não é morte, Caos não é uma mercadoria. Caos é a criação contínua. O Caos nunca morreu.

2.14 Anarquia do Pós-Anarquismo

Os membros da AAO reúnem-se em conclave, turbantes negros e túnicas reluzentes, esparramados sobre tapetes persas bebericando café turco e fumando narguilé. A QUESTÃO: Qual nossa posição diante de todas essas retiradas e deserções do anarquismo (especialmente na Califórnia): condenamos ou toleramos? Expurgamos a todos ou os saudamos como vanguarda? Elite gnóstica... ou traidores?

Na verdade, nutrimos uma profunda simpatia pelos desertores e seus várias críticas ao anarquISMO. Como Simbad e e o Velho Medonho, o anarquismo cambaleia por aí com o cadáver de um mártir magicamente preso aos seus ombros – perseguido pelo legado do fracasso e pelo masoquismo revolucionário – a estagnada água negra da história perdida.

Entre um passado trágico e um futuro impossível, o anarquismo parece carecer de um presente – como se tivesse medo de se perguntar, aqui e agora, QUAIS SÃO MEUS VERDADEIROS DESEJOS? – e o que POSSO fazer antes que seja *tarde demais*?... Isso mesmo, imagine-se diante de um feiticeiro que perniciosamente lhe encare e Pergunte: "Qual é o seu Verdadeiro Desejo?" Você disfarça, gagueja, se refugia em platitudes ideológicas? Você possui tanto imaginação quanto força de vontade, pode Sonhar e Ousar ao mesmo tempo –ou você é um crédulo incauto de uma fantasia impotente?

Olhe-se no espelho e tente... (pois uma de suas máscaras é o rosto de um feiticeiro)...

O "movimento" anarquista de hoje virtualmente não possui nenhum negro, hispano-americano, índio ou criança... muito embora, *em teoria*, esses grupos realmente oprimidos seriam os que mais ganhariam com qualquer revolta antiautoritária. Será que o anarquISMO não oferece um programa concreto através do qual os que são realmente

[20]Sigla de Erhard Seminars Training Inc., empresa criada pelo guru da administração Werner Erhard, popular nos anos 1970 a 1980. (N.E)

destituídos poderiam satisfazer (ou pelo menos de forma realista lutar para satisfazer) suas necessidades e desejos reais?

Se isso for verdade, então este fracasso explicaria não apenas a falta de apelo que o anarquismo exerce sobre os pobres e marginais, mas também a insatisfação e deserções dentro de seus próprios quadros. Manifestações, piquetes e reedições dos clássicos do século XIX não gera, uma conspiração ousada e vital para a autolibertação. Se quisermos que o movimento cresça ao invés de definhar, muito peso morto deve ser lançado fora e algumas idéias arriscadas precisam ser aceitas.

O potencial existe. A qualquer momento, um grande número de americanos irá notar que está sendo forçado a engolir uma porção de *lixo* reacionário, entediante, histérico e artificialmente aromatizado. Um amplo coro de gemidos, grunhidos e ânsias de vômito... multidões enfurecidas invadindo os shopping centers, destruindo e saqueando... etc. etc.

A Bandeira Negra poderia prover um foco para o ultraje e canalizá-lo para uma insurreição da Imaginação. Poderíamos resgatar o esforço que foi abandonado pelo Situacionismo de 1968 e pelo Autonomismo nos anos 1970, e levá-lo ao próximo estágio. Poderíamos Ter revolta nos nossos tempos – e, nesse processo, poderíamos compreender muitos de nosso verdadeiros desejos, mesmo que se por apenas uma temporada, uma breve Utopia Pirata, uma pervertida zona-livre dentro de velho contínuo do espaço-tempo.

Se a AAO retém sua afiliação com o "movimento", isso ocorre não por uma romântica predileção por causas perdidas – pelo menos não só por isso. Dentre todos os "sistemas políticos", o anarquismo (apesar de suas falhas, e precisamente porque não é nem político nem um sistema) é o que mais se aproxima de nossa compreensão de realidade, ontologia, natureza do ser. Quanto aos desertores... concordamos com suas críticas, mas notamos que eles parecem não oferecer nenhuma alternativa poderosa. Por isso, por enquanto, preferimos nos concentrar em transformar o anarquismo por dentro. Camaradas, este é nosso programa:

1. Procure compreender que um *racismo psíquico* substitui o preconceito escancarado como um dos mais repugnantes aspectos da nossa sociedade. Participação imaginativa em outras culturas, especialmente aquelas com as quais convivemos.

2. Abandone toda pureza ideológica. Abrace o anarquismo "Tipo-3" (para usar o slogan de Bob Black): nem coletivista nem individualista. Limpe o tempo dos ídolos da vaidade, livre-se do Velho Medonho, da relíquias e dos martirológicos.

3. O movimento antitrabalho ou "Trabalho-Zero" é extremamente importante, incluindo um ataque radical e talvez violento à Educação e ao servilismo das crianças.

4. Desenvolva uma rede samizdat[21] americana, substitua as táticas ultrapassadas de publicação/propaganda. Pornografia e entretenimento popular como veículos de uma reeducação radical.

5. Na música, a hegemonia da batida 2/4 e 4/4 deve ser destruída. Precisamos de uma música nova, totalmente insana mas que afirme a vida, ritmicamente sutil mas poderosa, e precisamos dessa música AGORA.

[21] Publicações clandestinas na antiga União Soviética. (N.T)

6. O anarquismo necessita afastar-se do materialismo evangélico e do banal cientificismo bidimensional do século XIX. "Estados mais elevados de consciência" não são meros FANTASMAS inventados por padres malignos. O Oriente, o oculto, as culturas tribais possuem *técnicas* que podem ser "apropriadas" de uma forma verdadeiramente anarquista. Sem "estados mais elevados de consciência", o anarquismo acaba e se resseca num certo tipo de miséria, a reclamação chorosa. Precisamos de um tipo prático de "anarquismo místico", livre de toda merda New Age e inexoravelmente herético e anticlerical; ávido por todas as novas tecnologias de consciência e metanóia – uma democratização do xamanismo, embriagada e serena.

7. A sexualidade sofre um forte ataque, obviamente da Direita, de forma mais sutil do movimento de pseudovanguarda da "pós-sexualidade", e de forma ainda mais sutil da Recuperação Espetacular na mídia e na propaganda. É chegado o momento para um passo adiante na conscientização de uma política sexual, uma reafirmação explosiva de eros polimorfo – (até mesmo e especialmente diante do flagelo e da depressão) –, uma glorificação literal dos sentidos, uma doutrina do deleite. Abandone todo ódio ao mundo e toda vergonha.

8. Experimente novas táticas para substituir a obsoleta bagagem das Esquerdas. Coloque ênfase nos benefícios práticos, materiais e pessoais de um networking radical. O momento talvez possa não parecer apropriado para violência ou militância, mas um pouco de sabotagem e rupturas imaginativas nunca é demais. Trame e conspire, não pragueje nem gema. O Mundo da Arte, em particular, merece uma dose de "Terrorismo Poético".

9. A desespacialização da sociedade pós-industrial traz alguns benefícios (por exemplo, a comunicação via computador), mas pode também se manifestar como uma forma de opressão (abandono, massificação, arquitetura despersonalizada, destruição da natureza etc.). As comunas dos anos 1960 tentaram ludibriar essas forças, mas fracassaram. A questão do *terreno* recusa-se a desaparecer. Como podemos separar o conceito de *espaço* dos mecanismos de *controle*? Os gângsteres do território, as Nações/Estados, tomaram o mapa inteiro. Quem pode inventar para nós uma cartografia da autonomia, quem pode desenhar um mapa que inclua nossos desejos?

AnarquISMO em última análise implica anarquia – e anarquia é caos. Caos é princípio da criação contínua... e o *Caos nunca morreu.*

— Sessão Plenária da AAO

Nova York, março de 1987

2.15 Coroa Negra e Rosa Negra

Anarco-Monarquismo e Anarco-Misticismo

Quando dormimos, sonhamos com apenas dois tipos de governo – anarquia e monarquia. A raiz primordial da consciência não compreende nenhuma política e nunca joga limpo. Um sonho democrático? Um sonho socialista? Impossível.

Não importa se meus REMs revelem vertiginosas visões quase proféticas ou meras satisfações de desejos vienenses, apenas reis e povos selvagens povoam meus sonhos. Mônadas e nômades.

Um dia nublado (quando nada brilha com luz própria) induz e insinua e sugere que nos comprometamos com uma realidade triste e sem lustro. Mas em sonho nada nos governa a não ser o amor ou a feitiçaria, que são habilidades de seguidores do caos e sultões.

No meio de um povo que não pode criar nem brincar, que sabe apenas *trabalhar*, os artistas também não têm nenhuma alternativa a não ser a anarquia ou a monarquia. Como o sonhador, eles necessitam possuir, e, de fato, *possuem*, suas próprias percepções, e para isso precisam sacrificar o que é meramente social a favor de uma "musa tirana".

A arte morre quando é tratada "sensatamente". Ela precisa deleitar-se na selvageria dos homens das cavernas ou então ter a boca cheia de ouro pela mão de algum príncipe. Os burocratas e o departamento comercial envenenam-na, os professores mastigam-na e os filósofos cospem-na. A arte é um tipo de barbaridade bizantina feita apenas para nobres e bárbaros.

Se você tivesse conhecido a doçura da vida como poeta no reino venal, corrupto, decadente, disfuncional e ridículo de algum paxá ou emir, algum xá, de algum rei Farouk, de alguma rainha da Pérsia, você saberia que é exatamente isso o que todo anarquista deve querer. Como aqueles voluptuosos insensatos já mortos amavam poemas e pinturas, como eles absorveram todas as rosas e brisas, todas as tulipas e alaúdes!

Sim, odeie sua crueldade e seus caprichos – mas pelo menos eles eram humanos. Os burocratas, por outro lado, que besuntam as paredes da mente com sujeira inodora – tão gentis, tão *gemutlich* – que poluem a atmosfera interior com entorpecimento – não são dignos nem de merecer o ódio. Eles mal existem para além das idéias sem vida a que servem.

Ademais: o sonhador, o artista, o anarquista – não compartilham um quê de capricho cruel com o mais abominável dos mongóis? Pode a vida genuína ocorrer sem alguma loucura, algum excesso, alguns acessos de "contendas" heraclitinianas? Nós não governamos – mas não podemos ser e não seremos *governados*.

Na Rússia, os anarquistas narodnik[22] às vezes forjavam um *ukase*, ou manifesto em nome do czar, no qual o autocrata reclamava que lordes gananciosos e oficiais sem coração o haviam trancado em seu palácio e o separado do seu amado povo. Ele proclamava o fim de servilismo e conclamava os camponeses e trabalhadores a se rebelarem contra o governo em Seu Nome.

Várias vezes esse estratagema logrou conflagrar revoltas. Por quê? Porque um soberano único e absoluto funciona metaforicamente como um espelho para o singular e profundo absolutismo do ser. Cada camponês ou camponesa olhou profundamente para esta lenda esfumaçada e encontrou nela sua própria liberdade – uma ilusão, que rouba sua magia da lógica dos sonhos.

Um mito semelhante deve ter inspirado os ranters, os antinomianos e os homens da Quinta monarquia, no século XVII, a congregarem-se sob a bandeira jacobina com suas intrigas eruditas e conspirações sangrentas. Os místicos radicais foram traídos primeiro

[22]Membro do movimento socialista russo do século XIX, que acreditava no despertar das massas pela propaganda política. Do russo narodnik, "populista". (N.T)

por Cromwell e depois pela Restauração – portanto, por que não se aliarem a cavaleiros irreverentes e condes afetados, aos homens da rosa-cruz e maçons do rito escocês, para colocar um messias oculto no trono de Albion?

Entre aqueles que não conseguem conceber uma sociedade humana sem um monarca, os desejos radicais talvez possam ser expressos em termos monárquicos. Entre aqueles que não podem conceber a existência humana sem uma religião, desejos radicais talvez falem o idioma da heresia.

O taoísmo rejeitou toda a burocracia confuciana, mas manteve a imagem do Imperador-Sábio, que se senta silencioso em seu trono mirando uma direção propícia e não fazendo absolutamente nada.

No Islã, os ismaelitas tomaram a idéia do Imã da Família do Profeta e a metamorfosearam em Imã-de-seu-próprio-ser, o ser perfeito estabelecido além de toda Lei e regra, reconciliando com o Uno. E essa doutrina levou-os a se revoltarem contra o Islã, a sofrerem terror e homicídio em nome de uma realização do ser puramente esotérica e da total libertação.

O anarquismo clássico do século XIX definiu-se em meio à batalha contra a coroa e a igreja, e, portanto, num nível consciente, considerava-se igualitário e ateísta. No entanto, essa retórica obscurece o que de fato ocorre: o “rei” torna-se o “anarquista!”, e o “sacerdote”, um “herege”. Nesse estranho dueto de mutabilidade, não há lugar para o político, o democrata, o socialista, o ideólogo racional: eles não podem escutar a música e não têm ritmo nenhum. O terrorista e o monarca são *arquétipos*; os outros são meros funcionários.

Houve um tempo em que o anarquista e o rei estrangulavam a garganta um do outro e valsavam um totentanz – uma batalha esplêndida. Agora, no entanto, os dois estão relegados à lata de lixo da história – “já-eras”, curiosidades de um passado ocioso e mais sofisticado. Eles giram tão rápido que parece que se fundem... poderiam eles de alguma modo terem se tornado uma coisa só, somo gêmeos siameses, um Juno, uma unidade exótica? “O sonho da Razão...” ah! os monstros mais desejados e desejosos!

O Anarquismo Ontológico declara de forma direta, abrupta e quase sem pensar: sim, os dois agora se tornaram um. O anarquista/rei renasceu como uma única entidade; cada um de nós é o mandante de sua própria carne, de suas próprias criações – e de tudo o mais que pudermos agarrar e segurar.

Nossas ações são justificadas por decreto e nossos relacionamentos se moldam por acordos com outros autocratas. Fazemos as leis para os nossos próprios domínios – e as correntes da lei foram quebradas. No momento presente, talvez, sobrevivemos como meros Pretendentes – mas mesmo assim alcançamos alguns instantes, alguns metros quadrados de realidade sobre o qual impomos nossa vontade, nossa *royaume. L'etat, c'est moi.*

Se nos limitarmos por qualquer ética ou moral, é necessário que seja uma que nós mesmos tenhamos imaginados, fabulosamente mais exaltada e libertária que o “ácido moral” dos puritanos e humanistas. “Sois como os deuses” – “Sois Isto”.

As palavras *monarquismo* e *misticismo* estão sendo empregadas aqui em parte simplesmente *pour épater*[23] aqueles anarquistas igualitários e ateístas que reagem com pio horror a qualquer menção de pompa ou comportamentos supersticiosos. Nenhuma revolução

[23]Em francês no original: “para chocar, embasbacar”. (N.E)

com champanhe para *eles*!

Por outro lado, nosso ramo de antiautoritarismo prospera de em paradoxos barrocos; prefere estados de consciência, emoção e estética a todos os dogmas e ideologias petrificadas; abraça as multidões e deleita-se em contradições. O Anarquismo Ontológico é um bicho de sete cabeças para GRADES mentes.

A tradução do título (e palavra-chave) do opus magnum de Max Stirner por *O Ego e Seu Próprio* acarretou num sutil erro de interpretação do que é o "individualismo". A palavra anglo-latina *ego* está carregada e saturada com uma carga freudiana e protestante. Uma leitura cuidadosa de Stirner sugere que O *Único e Sua Propriedade* talvez refletisse melhor as suas intenções, uma vez que ele nunca define o ego *em oposição* à libido ou ao Id, ou em oposição à "alma" ou "espírito". O Ùnico (*der Einzege*) talvez seja mais bem compreendido simplesmente como o ser individual.

Stirner não se compromete com nenhuma metafísica, no entanto, outorga um certo valor absoluto ao Único. De que forma estão este *Einzige* difere do Ser do advaita vedanta? *Tat tvam asi*: Sois (o ser individual) Isto (o Ser Absoluto).

Muitos acreditam que misticismo "dissolve o ego". Besteira. Apenas a morte faz isso (ou pelo menos de acordo com nossos pressupostos saduceus). E o misticismo também não destrói o ser "carnal" ou "animal" – o que também acarretaria suicídio. O que o misticismo realmente tenta superar é falsa consciência, a ilusão, a realidade consensual e todos os fracassos do ser que acompanham essas enfermidades. O verdadeiro misticismo cria um "ser em paz", um ser com poder. A meta mais alta da metafísica (alcançada, por exemplo, Ibn Arabi, Boehme, Ramana Maharshi) é, de certo modo, a autodestruição, a identificação UNA do metafísico e do fisíco, do transcendente e do imanente. Certos *monistas radicais* levaram essa doutrima para além do mero panteísmo ou misticismo religiosos. A percepção da imanente unidade do ser inspira certas heresias antinomianas (os ranters, os Assassinos) a quem nós consideramos nossos ancestrais.

O próprio Stirner parece surdo às possíveis ressonâncias espirituais do individualismo – e nisso ele pertence ao século XIX: nascido muito depois da decadência do cristianismo, mas muito antes da descoberta do Oriente e da secreta tradição iluminista da alquimia ocidental, da heresia revolucionária e do ativismo, oculto. Stirner corretamente desprezou o que ele compreendeu por "misticismo", uma mera sentimentalidade piedosa baseada em auto-abnegação e ódio do mundo. Nietzsche cerrou as portas para "Deus" alguns anos mais tarde. Desde então, quem ousaria sugerir que o individualismo e o misticismo poderiam se reconciliados e sintetizados?

O elemento que falta em Stirner (Nietzsche chegou mais perto) é o uso de um conceito de *consciência não ordinária*. A compreensão do ser único (ou *ubermensch*) deve reverberar e expandir-se como ondas ou espirais ou música para abranger a experiência direta ou a percepção intuitiva da singularidade da própria realidade. Essa compreensão engolfa e dissolve toda dualidade, dicotomia e dialética. Ela carrega em si, como uma corrente elétrica, um senso de *valor* intenso e indescritível: ela "diviniza" o ser.

Ser/consciência/êxtase (*satchitananda*) não pode ser descartado meramente como mais uma "excentricidade" ou um castelo nas nuvens" de Stirner. Esse conceito não invoca nenhum princípio transcendente exclusivo para o qual o *Einzige* deve sacrificar a sua individualidade própria. Ele simplesmente constata que uma intensa consciência da própria existência acarreta "êxtase" – ou, numa linguagem menos carregada, "consciência valora-

tiva". Afinal de contas, o objetivo do Único é *possuir tudo*; o monista radical obtém isso através da identificação entre ser e percepção, como o pintor chinês de bico de pena que "se transforma no bambu" para que "ele mesmo pinte".

Apesar das misteriosas alusões de Stirner à "união dos Únicos" e apesar dos eternos "vivas" e da exaltação da vida feita por Nietzsche, o individualismo deles parece estar, de alguma forma, moldado por uma certa *frieza em relação ao outro*. Isso se deu, em parte, porque eles cultivavam uma tonificante e purificadora distância da estufa de sentimentalidade e altruísmo do século XIX; e, em parte, porque eles simplesmente desprezavam o que alguém (Mencken?) chamou de "Homo Estupidus".

No entanto, lendo por trás e por baixo da camada de gelo, descobrimos traços de uma doutrina ardente – que Gaston Bachelard poderia ter chamado de "uma Poética do Outro". A relação do *Einzige* com o Outro não pode ser definida ou limitada por nenhuma instituição ou idéia. Entretanto, de forma clara, ainda que paradoxal, o Único depende do Outro para ser completo, e não pode e não será um ser realizado em isolamento.

O exemplo dos "meninos-lobos", ou *enfants sauvages*, indicam que um infante humano desprovido da companhia humana por muito tempo jamais atingirá um nível de humanidade consciente – nunca adquirirá uma linguagem. A Criança Selvagem talvez proporcione uma metáfora poética para o Único – e ainda assim, ao mesmo tempo, marca o ponto preciso onde o Único e o Outro devem se encontrar, se fundir, se unificar – para não fracassarem em atingir e possuir tudo aquilo de que são capazes.

O Outro espelha o Ser – o Outro é nossa *testemunha*. O Outro completa o Ser – o Outro nos dá a chave de percepção da unidade-do-ser. Quando falamos de ser e consciência, apontamos para o Ser; quando mencionamos êxtase, referimo-nos ao Outro.

A aquisição da linguagem coloca-se sob o signo de Eros – toda comunicação é essencialmente erótica, todas as relações são eróticas. Avicena e Dante declararam que é o amor que move as estrelas e os planetas – tanto o *Rig Veda* quanto a Teogonia, de Hesíodo, proclamam o Amor como o primeiro deus a nascer depois do Caos. Afeições, afinidades, percepções estéticas, criações de beleza, convívio – todas as mais preciosas posses do Único surgem da conjunção entre o Ser e o Outro na constelação do Desejo.

Novamente, o projeto iniciado pelo individualismo pode ser desenvolvido e revigorado com um enxerto de misticismo – especialmente o tantra. Como uma técnica esotérica distanciada do hinduismo ortodoxo, o tantra provê um contexto simbólico ("Rede de Jóias") para a identificação do prazer sexual e consciência não ordinária. Todas as seitas antinomianas contiveram alguns aspectos "tântricos", desde as famílias de Amor e Fraternidade Lives e adamitas[24] da Europa aos sufis pederastas da Pérsia e ao taoístas alquimistas da China. Até mesmo o anarquismo clássico usufruir seus momentos tântricos: os falanstérios de Fourier; o "Anarquismo Místico" de G. Ivanov e outros simbolistas russos do fim do século; o erotismo incestuoso de *Sanine*, de Arzibashaev, a estranha combinação de niilismo e adoração à deusa Kali que inspirou o Partido Terrorista de Bengala (ao qual meu guru tântrico, Sir Kamanaransan Biswas, teve a honra de pertercer)...

Nós, no entanto, propomos um sincretismo muito mais profundo entre anarquia e tantra do que qualquer um desses exemplos. De fato, simplesmente sugerimos ao o Anarquismo Individual e o Monismo Radical sejam, daqui por diante, considerados um único

[24]Membro de seita que surgiu no século II e reapareceu no século XV. Seus adeptos apresentava-se nus para imitar o estado original de inocência de Adão. (N.T)

e mesmo movimento.

Este híbrido tem sido chamado de “materialismo espiritual”, um termo que queima toda a metafísica no fogo da unidade entre espírito e matéria. Também gostamos de “Anarquia Ontológica”, porque sugere que o ato de ser permanece num estado de “Caos divino”, de total potencialidade, de criação contínua.

Neste fluxo incessante, apenas o desejo oferece qualquer princípio de ordem, e, portanto, a única sociedade possível (como bem compreendeu Fourier) é aquela formada por amantes.

O anarquismo está morto, vida longa para a anarquia! Já não precisamos da bagagem do masoquismo revolucionário e do auto-sacrifício idealista – nem da frigidez do individualismo com o seu desdém pelo convívio, pelo *viver junto* – ou das superstições vulgares do ateísmo, cientificismo e progressismo do século XIX. Todo esse peso morto! Ao lixo com as maletas maltratadas dos proletários, com as pesadas malas de viagem burguesas, com os entediantes sobretudos filosóficos.

Desses sistemas, queremos apenas sua vitalidade, sua força-vital, sua ousadia, sua intransigência, sua raiva, sua imprudência – seu poder, sua *shakti*. Antes de jogar fora a tralha e mochilas velhas, vamos vascular o depósito à procura de dinheiro, revólveres, jóias, drogas e outros itens úteis – ficar com o que gostarmos e lançar mão do resto. Por que não? Somos lá sacerdotes de algum culto, para rezar por sobre restos mortais e resmungar nossos martirológio?

O monarquismo também possui algo que queremos – uma certa graça, uma certa leveza de ser, um orgulho, uma superabundância. Ficaremos com isso, e jogaremos o peso do autoritarismo e da tortura na lata do lixo da história. O misticismo tem algo que queremos – “auto-superação”, consciência exaltada, reservatórios de potência psíquica. Apropriaremos-nos disso em nome do nosso levante – e deixaremos que os infortúnios da moralidade e da religião apodreçam e se decomponham.

Como os ranters diziam quando cumprimentavam qualquer “criatura companheira” – de um rei a um trombadinha –, “Regozije-se! Tudo é nosso!”

2.16 Instruções para Kali Yuga

A KALI YUGA ainda tem mais ou menos 200 mil anos para brincar – uma boa notícia para advogados e avatares do Caos, mas uma má notícia para brâmanes, jeovista, deuses da burocracia e seus lacaios.

Eu sabia que Darjeeling guardava alguma coisa para mim assim que ouvi o seu nome – *dorje ling* – cidade o trovão. Cheguei um pouco antes das monções, em 1969. Antiga estação montanhosa britânica, sede de verão para o governo de Bengala – ruas com a forma de escadas de madeira curvas, do mercado avistava-se Sikkim e o Monte Katchenhunga – templos e refugiados tibetanos – belas pessoas de porcelana amarela chamadas Lepchas (os verdadeiros aborígenes) – hindus, muçulmanos, nepaleses e budistas butaneses, além de ingleses decadentes que perderam o caminho para casa em 1947, ainda à frente de bancos antiquados e lojas de chá.

Conheci Ganesh Baba, um saddhur gordo e de barbas brancas com um hiperimpecável sotaque de Oxford – nunca vi ninguém fumar tanta maconha, um narguilé cheio após o

outro, perambulávamos pelas ruas, onde ele jogava bola com crianças barulhentas ou arrumava brigas nos bares, perseguindo funcionário do comércio assustados com seu guarda-chuva, e morrendo de rir.

Ele me apresentou a Sri Kamanaransan Biswas, um homem de meia-idade, pequeno e delicado, metido num terno surrado. Era funcionário do governo de Bengala e se ofereceu para me ensinar tantra. O senhor Biswas vivia num minúsculo bangalô empoeirado num morro íngreme, enevoado e salpicado de pinheiros, onde eu o visitava diariamente com doses de conhaque barato para puja e bebericagens – ele me encorajava a fumar enquanto conversávamos, um vez que, para Kali, também a maconha é sagrada.

Em sua selvagem juventude, o senhor Biswas havia sido membro do Partido Terrorista de Bengala, que incluía tanto adoradores de Kali e místicos muçulmanos heréticos quanto anarquista e extremistas de esquerda. Ganesh Baba parecia provar esse passado secreto, como se fosse um sinal da força tântrica oculta do senhor Biswas, escondida por trás de sua aparência externa dócil e acomodada.

Nós discutimos minhas leituras de Sir John Woodruffe (Arthur Avalon) todas as tardes. Eu caminhava até lá através da neblina fria do verão, de armadilhas de espíritos tibetanas adejando na brisa úmida que surgia da bruma e dos cedros. Praticávamos o Tara-mantra e o Tara-mudra (ou Yoni-mudra), e estudávamos o diagrama Tara-iantra para fins mágicos. Um vez, visitamos um templo para o Marte hindu (como o nosso, ao mesmo tempo planeta e deus da guerra), onde ele comprou um anel de dedo feito de prego de ferradura de cavalo e me deu. Mais conhaque e maconha.

Tara: uma das formas de Kali, muito semelhante em atributos. Meio anã, nua, com quatro braços armados, dançando sobre um Shiva morto, colar de crânios de cabeças cortadas, língua gotejando sangue, pele de um profundo azul-cinzento (a cor precisa das nuvens das monções). Todo dia, mais chuva – deslizamentos de terra bloqueando as estradas. Meu visto de permanência em área fronteiriça expira. O senhor Biswas e eu descemos as deslizantes montanhas do Himalaia de jipe e de trem rumo à sua cidade natal, Siliguri, localizada nas planícies de Bengala, onde o Ganges estendeu-se num encharcado delta verdejante.

Visitamos sua esposa no hospital. No ano anterior, uma enchente havia submergido Siliguri e matado dezenas de milhares de pessoas. Houve uma epidemia de cólera, a cidade inteira parecia um naufrágio, manchada de algas e arruinada, as paredes do hospital ainda estavam empastadas de lodo, sangue, vômito, os líquidos da morte. Ela senta-se silenciosa na sua cama olhando sem piscar para destinos horrendos. O lado negro da deusa. Ele me dá uma litografia colorida de Tara que miraculosamente flutuou sobre a água e foi salva.

Naquela noite assistimos a uma cerimônia no templo local para Kali, um pequeno, humilde e meio arruinado santuário à beira da estrada – a luz proveniente de tochas era a única iluminação – cânticos e tambores com uma síncope estranha, quase africana, totalmente anticlássica, primordial e no entanto insanamente complexa. Bebemos, fumamos.

Só no cemitério, próximo a um cadáver meio-queimado, sou iniciado no Tara-Tantra. No dia seguinte, febril e distante, dou adeus e sigo Assam, para o grande templo do *yoni* de Shakti, em Gauhati, em tempo para o festival anual. Assam é território proibido e eu não tenho um visto. À meia-neite, em Gauhati, caio fora do trem, volto pelos trilhos sob chuva e com lama até os joelhos em total escuridão, ando às cegas até finalmente entrar na cidade e encontro um hotel cheio de insetos. Estou doente como um cão. Não durmo.

De manhã, viagem de ônibus para o templo, que fica numa montanha próxima. Torres enormes, divindades populares, pátios, edifícios anexos – centenas de milhares de peregrinos – saddhus esquisitos vindos de suas cavernas de gelo atarracados em peles de tigres e cantando. Ovelhas e pombos estão sendo abatidos aos milhares, uma verdadeira hecatombe – (nenhum outro sahib branco em vista) – as sarjetas escoam uma polegada de sangue – espadas-Kali de lâmina curva cortam cortam cortam, cabeças mortas rolam nas pedra escorregadias da rua.

Quando Shiva cortou Shakti em 53 pedaços e os espalhou sobre toda a bacia do Ganges, sua vagina caiu lá. Alguns sacerdotes amigáveis falam inglês e me ajudaram a encontrar a caverna onde o yoni está exposto. Nessas alturas, sei que estou seriamente doente, mas determinado a terminar o ritual. Uma multidão de peregrinos (todos ao menos uma cabeça mais baixos do que eu) literalmente me engolfam como a correnteza do mar e me carregam suspenso enquanto descemos umas escadas curvas, asfixiantes e trogloditas até entrarmos numa caverna-ventre claustrofóbica onde sou levando, tonto e nauseado, com alucinações, em direção a um meteorito, meio cônico, meio disforme, manchado por séculos de ghee e ocre. A multidão abre-se para mim e me permite atirar um guirlanda de jasmins sobre o yoni.

Uma semana mais tarde, em Katmandu, dei entrada no Hospital Missionário Germânico (por um mês) com hepatite. Um pequeno preço a pagar para todo aquele conhecimento – o fígado de algum coronel aposentado de uma história de Kipling! – mas eu conheço *ela*, eu conheço Kali. Sim, absolutamente o arquétipo de todo aquele horror, mas, para aqueles que a conhecem, ela se torna a mãe generosa. Mais tarde, numa caverna na selva além de Rishikish, meditei sobre Tara por muitos dias (com mantra, iantra, mudra, incenso e flores) e retornei à serenidade de Darjeeling e de suas visões benéficas.

Sua era deve conter horrores, pois a maioria de nós não pode compreendê-la ou alcançar a guirlanda de jasmins além do colar de crânios, percebendo até que ponto são a *mesma coisa*. Atravessar o caos, cavalgá-lo com um tigre, abraçá-lo (mesmo sexualmente) e absorver algo de sua shakti, sua força-vital – esses é o caminho da Kali Yuga. Niilismo criativo,. Para aqueles que seguem o caminho, ela promete iluminação e até mesmo riqueza, uma parcela de seu *poder* temporal.

A sexualidade e a violência servem como metáforas num poema que age diretamente sobre a consciência através da Imagem-inação – ou talvez nas circunstâncias corretas elas possam ser abertamente distribuídas e gozadas, embebidas com o sentido do sagrado de *cada coisa*, desde o êxtase e o vinho até o lixo e os cadáveres.

Aqueles que a ignoram ou a vêem fora de si mesmo estão arriscados de destruição. Aqueles que a adoram como *ishta-devata*, ou ser divino, degustam de sua Era do Ferro como se fosse ouro, conhecendo a alquimia de sua presença.

2.17 Contra a Reprodução da Morte

Um Dos Sinais da Aproximação do Fim – que tantos parecem esperar – consiste em um fascínio por todos os detritos mais negativos e odiosos da época, um fascínio sentido pelos próprios pensadores que se consideravam os mais perspicazes sobre o assim chamado apocalipse sobre o qual nos alertam. Estou falando de pessoas que conheço muito bem

– aquelas da “direita espiritual” (como os neoguenonianos, com sua obsessão por sinas de decadência) – e aquelas da esquerda pós-filosófica, os neutros ensaístas da morte, profundos conhecedores das artes da mutilação.

Para ambos esses grupos, toda ação possível no mundo é depreciada como mais uma manifestação da coisa de sempre – tudo se torna igualmente sem sentido. Para os tradicionalistas, nada importa a não ser preparar a alma para a morte (não apenas a sua própria, mas também a do mundo todo). Para o “crítico cultural”, nada importa a não ser o jogo de encontrar uma razão a mais para o desespero, analisá-la, adicioná-la ao catálogo.

O Fim do Mundo é uma abstração porque nunca aconteceu. Ele não tem nenhuma existência no mundo real. Cessará de ser uma abstração apenas quando ocorrer – se ocorrer. (Não pretendo conhecer “o pensamento de Deus” sobre o assunto – nem possuo qualquer conhecimento científico sobre um futuro ainda não existente.) Vejo apenas uma imagem mental e suas ramificações emocionais; de tal forma que o identifico como um tipo de vírus fantasmagórico, uma estranha doença de mim mesmo, que deve ser eliminada em vez de ser hipocondriacamente cozida em banho-maria e tolerada. Desprezo o “Fim do Mundo” como um ícone ideológico apontado para minha cabeça pela religião, pelo Estado e pelo meio cultural, como uma razão para *não se fazer nada*.

Compreendo por que a religião e os “poderes” políticos querem manter-me tremendo de medo. Já que apenas *eles* oferecem a única *chance* de se evitar o ragnarok (através de prece, através da democracia, através do comunismo etc), devo seguir seus ditames como uma ovelha e não ousar nada por mim mesmo. No entanto, o caso dos intelectuais “iluminados” parece ser, à primeira vista, mais complexo. De que poder *eles* gozam neste rosário de medo e escuridão, sadismo e ódio?

Essencialmente, eles ganham *inteligência*. Qualquer ataque a eles parece estúpido, já que apenas eles têm os olhos abertos o suficiente para reconhecer a verdade, apenas eles ousam o suficiente para *manifestá-la* em desafio aos rudes censores jecas e liberais covardes. Se eu os condeno como parte do mesmo problema que eles clamam estar discutindo objetivamente, serei considerado um capiau, um puritano, um Pollyanna. Se admito meu ódio pelos *artefatos* de sua percepção (livros, obras de arte, performances), serei dispensado como um mero ser desagradável (e, é claro, psicologicamente reprimido) ou, na melhor das hipóteses, como alguém sem seriedade.

Muitas pessoas supõem que, por eu algumas vezes me expressar como um anarquista amante de rapazes, devo também ter “interesse” por outras idéias ultrapós-modernas, como assassinato de crianças em série, ideologia fascista, ou as fotografias de Joel P. Witkin[25]. Pressupõem apenas dois lados para qualquer questão – o lado da moda e o lado que não está na moda. Uma marxista que fizesse objeções a todo este culto da morte como algo atiprogressista seria considerado tão tolo quanto um fundamentalista cristão que o considerasse imoral.

Sustento que (como de costume) muitos lados existem para essa questão, mais do que apenas dois. Questões bilaterais (criacionismo versus darwinismo, choice contra pro-life[26] etc.) são todas, sem exceção, *ilusões*, mentiras espetaculares.

[25]Fotógrafo nova-iorquino especializado em fotos eróticas “chocantes”. (N.E)

[26]Choice: movimento em defesa do direito de escolha das mulheres em relação ao aborto. Pro-life: movimento contra o aborto, ligado a setores da direita, que ficou conhecido por seus ataques a clínicas que promovem essa prática. (N.E)

Minha posição é esta: tenho perfeita consciência das "inteligência" que direciona a ação. Eu mesmo a possuo em abundância. De vez em quando, no entanto, tenho conseguido me comportar como se fosse estúpido o suficiente para tentar mudar minha vida. Algumas vezes usei perigosos entorpecentes, como a religião, a maconha, o caos, o amor pelo rapazes. Em algumas poucas ocasiões alcancei algum grau de sucesso – e digo isso não para me gabar, mas para dar testemunho. Através da destruição dos ícones interiorizados do Fim do Mundo en da Futilidade de toda atividade mundana, tenho (raramente) atingido um estado que (em comparação com tudo que conheço) parece ser um estado de *saúde*. As imagens de morte e mutilação que fascinam nossos artistas e intelectuais me parecem – à luz da lembrança dessas experiências – tragicamente inapropriadas para o potencial real da existência e do *discurso* sobre a existência.

A própria existência pode ser considerada um abismo sem sentido algum. Eu não vejo isso como uma afirmação *pessimista*. Se for verdade, posso tomá-la somente como uma declaração de autonomia para minha imaginação e minha vontade – e para o mais belo ato que elas possam conceber, assim *conferir* significado para a existência.

Por que eu deveria emblemar esta liberdade com um ato como o assassinato (como fizeram os existencialistas) ou como algum dos gostos demoníacos dos anos 1980? A morte pode apenas me matar uma vez – até lá, estou livre para expressar e experimentar (ao máximo que *puder*) uma vida e uma arte de viver baseada em "experiências de pico" autovalorativas e no "convívio" (que também possui sua própria recompensa).

A replicação obsessiva do imaginário da morte (e sua reprodução ou mesmo mercantilismo) *obstrui* esse projeto tão veementemente quanto a censura ou a lavagem cerebral feita pela mídia. Ela estabelece circuitos negativos de feedback – é um tabu maligno. Não ajuda ninguém a vencer o medo da morte, e meramente inculca um medo *mórbido* no lugar do medo saudável que todas as criaturas sensíveis ao farejar sua própria mortalidade.

Não escrevo isso para absolver o mundo de sua fealdade, ou para negar que no mundo existam coisas verdadeiramente aterrorizantes. Mas algumas dessas coisas podem ser vencidas – desde que nós possamos construir uma estética de conquista, em vez de uma *estética* de medo.

Recentemente assisti a uma performance de poesia/dança gay de uma firme sofisticação: o único dançarino negro da trupe fingia foder uma ovelha morta.

Confesso que parte da minha estupidez auto-induzida é acreditar (e mesmo sentir) que a arte pode me transformar e transformar os outros. É por isso que escrevo pornografia e propaganda – para causar *transformação*. A arte nunca pode significar tanto quanto uma caso de amor, talvez, ou uma insurreição. Mas... até certo ponto... funciona.

Entretanto, mesmo se eu tivesse desistido de toda esperança na arte, de toda expectativa de exaltação, ainda me recusaria a tolerar uma arte que meramente exarceba minha miséria, ou se apraz no *schadenfreude*, "prazer com a miséria alheia". Eu volto as costas para certo tipo de arte como um cão ase distanciaria uivando do cadáver de seu companheiro. Gostaria de poder renunciar à sofisticação que me permite dar uma cheirada em tal cadáver – com indiferente curiosidade – como mais uma exemplo da decomposição pós-industrial.

Apenas os mortos são verdadeiramente inteligentes, verdadeiramente interessantes. Nada os toca. Enquanto eu viver, no entanto, ficarei do lado da vida sofredora, desonesta e cheia de si, com a raiva em vez do tédio, com a doce luxúria, a fome e o desleixo...

contra a vanguarda gelada e suas chiques premonições do sepulcro.

2.18 Sonora Denúncia do Surrealismo

(Para Harry Smith)

Na Mostra de Cinema Surrealista, alguém perguntou a Stan Brakhage[27] sobre o uso que a mídia faz do surrealismo (MTV etc.); ele respondeu que era uma "vergonha danada". Bem, talvez seja e talvez não seja (a kultura popular *ipso fato* carece de toda inspiração ?) – mas, partindo-se do princípio que, em algum nível, a apropriação que a mídia faz do surrealismo é de fato uma vergonha danada, vamos acreditar que não havia nada no surrealismo que permitisse que esse roubo acontecesse?

O retorno do reprimido significa o retorno do paleolítico – não um retorno *à* Idade da Pedra, mas um movimento espiral em torno de um novo nível da órbita. (Afinal, 99,9999% da experiência humana são de caça e coleta, sendo a agricultura e a indústria uma mera mancha de óleo no profundo poço da não-história.) O paleolítico equivale ao pré-Trabalho ("sociedade de lazer original"). O Pós-Trabalho (Trabalho-Zero) equivale a "Paleolítico Psíquico".

Todos os projetos para a "libertação dos desejos" (surrealismo), que permanecem emaranhados na matriz do Trabalho, podem levar apenas ao mercantilismo do desejo. O neolítico começa com o desejo por bens (excedente da agricultura), caminha para a produção do desejo (indústria) e termina com a implosão do desejo (propaganda). A libertação surrealista do desejo, apenas dos seus feitos estéticos, não vai além de ser um subconjunto da produção – daí a rendição em bloco do surrealismo ao partido comunista e sua ideologia pró-trabalho (para não mencionar sua misoginia e homofobia). O lazer moderno. Por sua vez, é simplesmente uma subdivisão do trabalho (daí seu mercantilismo) – então não é por acaso que, quando o surrealismo fechou sua fábrica, os executivos de publicidade foram os únicos clientes da liquidação.

A propaganda, usando a colonização do inconsciente feita pelo surrealismo para *criar* desejo, leva à implosão final do surrealismo. Não é simplesmente uma "vergonha danada e uma desgraça", não é uma simples apropriação. O surrealismo foi *feito* para a propaganda, para o mercantilismo. O surrealismo é, na verdade, uma traição ao desejo.

E, no entanto, dos abismos do significado, o desejo ainda se levanta, inocente como uma fênix recém-nascida. O dadaísmo inicial de Berlim (que rejeitou o retorno da arte-objeto), apesar se suas falhas, fornece um modelo melhor para se lidar com implosão do social do que o surrealismo jamais seria capaz de fornecer – um modelo anarquista, ou talvez (em jargão antropológico), um modelo não autoritário, uma destruição de toda ideologia, de todas as correntes da lei. Assim como a estrutura do Trabalho/Lazer sucumbe no vazio, como todas as formas de controle desaparecem na dissolução do sentido, o neolítico também parece estar destinado a desaparecer, com todos os seus templos e celeiros e polícias, para ser substituído por algum retorno à caça e coleta em termos psíquicos – uma re-nomadização. Tudo está implodindo e desaparecendo – a família edipiana, a educação, até mesmo o próprio inconsciente (como disse Andre Codrescu[28]). Não vamos

[27] Cineasta, professor e ensaísta norte-americano. (N.E)

[28] Escritor romeno radicado nos EUA. (N.E)

erroneamente tomar isso como o Armagedom (vamos resistir à sedução do apocalipse, à conclusão escatológica) – não é o *mundo* chegando ao fim – são apenas as palhas vazias do social pegando fogo e desaparecendo.

O surrealismo deve ser lançado ao lixo junto com todos os outros belos restos das primárias artimanhas clericais e os enfadonhos sistemas de controle. Ninguém sabe o que está por vir, que miséria, que espírito de selvageria, que alegria – mas a última coisa de que nós precisamos em nossa viagem é outro grupo de comissários – papas de nossos sonhos – pais. Abaixo o Surrealista...

— Naropa, 9 de julho de 1988

2.19 Por um Congresso de Religiões Estranhas

Nós temos aprendido a desconfiar do verbo *ser*, da palavra *é*, – melhor dizendo: note a formidável semelhança entre o conceito SATORI e o conceito REVOLUÇÃO DIA-A-DIA[29] – em ambos os casos há uma percepção do "cotidiano" com conseqüências extraordinárias para a tomada de consciência e a ação. Não podemos usar a frase "parece-se com" porque ambos os conceitos (como todos os conceitos e, aliás, todas as palavras) vêm carregados de acréscimos – cada um deles está sobrecarregado por sua carga psíquico-cultural, como convidados que suspeitosamente chegam com enorme excesso de malas para quem vem apenas passar o fim de semana.

Portanto, permitam-me o antiquado uso beat-zen budista do *satori*, enquanto simultaneamente enfatizo – no caso do slogan situacionista – que uma das raízes de sua dialética pode ser rastreada ao dadaísmo e à noção surrealista do "maravilhoso", irrompendo de (ou dentro de) uma vida que apenas *parece* estar sufocada pelo banal, pelas misérias da abstração e da alienação. Defino meus termos fazendo-os mais vagos, precisamente para evitar as ortodoxias tanto do bidismo quanto do Situacionismo, para escapar de suas armadilhas ideológico-semânticas – estas máquinas de linguagem disfuncionais! Em vez disso, proponho que nós as destruamos em partes, um ato de bricolagem cultural. "Revolução" significa apenas outra reviravolta dos timoneiros – enquanto a ortodoxia religiosa de qualquer tipo origina, de forma lógica, um verdadeiro governo de timoneiros. Não vamos idolatrar o satori imaginando-o como monopólio de monges místicos, ou como contingente de qualquer código moral; e no lugar de fetichizar o esquerdismo de 1968, preferimos o termo "insurreição", ou "levante", usando por Stirner, que escapa à artificialidade de uma mera mudança de autoridade.

Esta constelação de conceitos envolve "quebrar as regras" de percepção ordenada para chegar à experiência direta, algo análogo ao processo através do qual o caos espontaneamente se decompõe em ordens fractais não-lineares, ou o modo como a energia criativa "selvagem" transforma-se em jogo e *poesis*. Uma "ordem espontânea" a partir do "caos", por sua vez, evoca o taoísmo anarquista do *Chuang Tzu*. Os zen-budistas podem ser acusados de falta de conhecimento sobre as implicações "revolucionárias" do satori, enquanto os situacionistas podem ser criticados por ignorar certa "espiritualidade" inerente a auto-

[29]Revolution of Everyday Life no original, que é o título do livro Traité de Savoir-vivre à L'usage des Jeunes Générations, de Rauol Vaneigem, em suas edições norte-americana e inglesa. No Brasil, esse livro foi publicado com o nome de A Arte de Viver para as Novas Gerações, pela Conrad Livros. (N.E)

realização e no convívio que sua causa exige. Ao identificarmos o satori com a revolução do dia-a-dia, estmaos promovendo algo como um casamento forçado tão marcante quanto a famosa composição surrealista com um guarda-chuva e uma máquina de costura, ou seja lá o que fosse. Miscigenação. A mistura de raças defendidas por Nietzsche, que, sem dúvida, foi atraído pela sensualidade das "castas inferiores".

Sinto-me impelido a tantar descrever o modo como o satori "assemelha-se" à revolução do dia-a-dia – mas não posso fazê-lo. Ou, melhor dizendo, praticamente tudo que eu escrevo gira em torno deste tema; teria de repetir quase tudo para elucidar este simples ponto. Em vez disso, à guisa de apêndice, ofereço mais uma curiosa coincidência ou interpenetração de dois termos, um novamente do Situacionismo e o outro, desta vez, do sufismo.

O ato de *dérive* ou "andar a esmo" foi concebido como um exercício para deliberadamente revolucionar o dia-a-dia – uma espécie de vagar sem rumo através das ruas da cidade, um nomandismo visionário urbano que envolve uma abertura para a "cultura como natureza" (se compreendi a idéia corretamente) – que, por sua própria duração, inculcaria nos nômades uma propensão a experimentar o maravilhoso; talvez nem sempre em sua forma benigna, mas, esperamos, sempre geradora de insights – seja através da arquitetura, do erótico, da aventura, bebidas e drogas, perigo, inspiração, o que quer que seja – da intensidade de percepções e experiências não meditadas.

O termo paralelo no sufismo seria "jornada para os horizontes distantes", ou simplesmente "jornada", um exercício espiritual que combina as energias urbanas e nômades do Islã numa única trajetória, algumas vezes chamada de "Caravana do Verão". Os dervixes fazem votos de viajar num determinado ritmo, nunca passando mais do que sete ou quarenta noites numa mesma cidade, aceitando o que quer que aconteça, dirigindo-se para onde quer que os sinais e as coincidências, ou simplesmente os caprichos, os levem, movendo-se de um ponto de poder para outro, conscientes da "geografia sagrada", do itinerário como significado, da topologia como simbologia.

Aqui outra constelação: Ibn Khaldun, *Pé na Estrada* (tanto de Jack Kerouac quanto o de Jack London), a forma do romance picaresco em geral, o barão de Münchhausen, *wanderjahr*, Marco Polo, meninos numa floresta de verão suburbana, cavaleiros do rei Arthur procurando barulho, veados à caça de meninos, perambular de bar em bar com Melville, Peo, Baudelaire – ou fazer canoagem com Thoreau em Maine... a viagem como a antítese do turismo, espaço *em vez de* tempo. Projeto artístico: a construção de um "mapa" em escala 1:1 do território explorado. Projeto político: a construção de "zonas autônomas" mutáveis dentro de uma invisível rede nômade (como encontros sob o arco-íris). Projeto espiritual: a criação ou descoberta de peregrinações nas quais o conceito "santuário" tenha sido substituído (ou "esoterizado") pelo conceito "experiência de pico".

O que estou tentando fazer aqui (como sempre) é prover uma base irracional sólida, uma filosofia estranha (se assim preferirem), para o que chamo de Religiões Livres, incluindo as correntes psicodélica e discordante, neopaganismo não hierárquico, as heresias antinomianas, o caos e o caos mágico, o vodu revolucionário, os cristãos anarquistas e "sem igreja", o judaísmo mágico, a Igreja Ortodoxa Islâmica, a Igreja dos Subgênios, as fadas, os taoístas radicais, os místicos da cerveja, o pessoal da maconha etc. etc.

Contrário às expectativas dos radicais do século XIX, a religião não acabou – talvez tivesse sido melhor se ela tivesse acabado de fato – e tem, em vez disso, crescido em

poder, aparentemente em proporção ao crescimento global em tecnologia e controle racional. Tanto o fundamentalismo quanto o New Age extraem alguma força da profunda e difundida insatisfação com o Sistema, que trabalha contra toda percepção do maravilhoso na vida cotidiana – chame-o de Babilônia ou de Espetáculo, de Capital ou de Império, de Sociedade de Simulação ou de mecanismo desalmado – o que você quiser. Mas essas duas forças religiosas canalizam seu próprio desejo pelo autêntico para novas abstrações superpoderosas e opressivas (moralidade no caso do fundamentalismo, mercantilismo no caso do New Age) e por essa razão, podem, muito propriamente, ser chamadas de "reacionárias".

Assim como radicais culturais desempenharão funções similares nas esferas do trabalho, da família e de outras organizações sociais, existe a necessidade de os radicais penetrarem na instituição da religião, indo além da mera repetição afetada dos lugares-comuns sobre o materialismo ateísta do século XIX. Isso vai acontecer de um jeito ou de outro – é melhor fazer a abordagem com consciência, graça e estilo.

Tendo uma vez vivido perto da sede do Conselho Mundial das Igrejas, eu gosto da possibilidade de uma versão parodiada de uma Igreja Livre – sendo a paródia uma de nossas principais estratégias (ou chame isso de *détournement* ou desconstrução ou destruição criativa) – uma espécie de network solta (eu não gosto dessa palavra; vamos chamá-la, então, de webwork) de cultos estranhos e indivíduos conversando entre si e oferecendo, préstimos uns aos outros, que poderiam originar um rumo, ou tendência, ou "corrente" (em termos mágicos) forte o suficiente para causar algum dano psíquico aos fundamentalistas e ao pessoal New Age, até mesmo aos aiatolás e ao papado, sociáveis o bastante para que discordemos uns dos outros e ainda assim fazermos grandes festas – ou conclaves, conselhos ecumênicos, Congressos Mundiais – o que esperaremos em júbilo.

As Religiões Livres podem oferecer algumas das únicas alternativas espirituais possíveis para televangelistas nazistas e patéticos canalizadores da energia dos cristais (para não mencionar as religiões estabelecidas), e assim se tornarão cada vez mais importantes, cada vez mais vitais num futuro em que a demanda pela erupção do maravilhoso dentro do cotidiano se tornará a mais sonora, tocante e tumultuosa de todas as demandas políticas – um futuro que começará (espere um instante, deixe-me consultar meu relógio)... 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1... AGORA.

2.20 Terra Oca

Regiões Subterrâneas do continente escavadas em cavernas ciclópicas, redes fractais espaços que parecem catedrais, túneis labirínticos em forma de gargantas, rios subterrâneos vagarosos e negros, lagos estígios imóveis puros e levemente luminescentes, estreitas cachoeiras sobre rochas alisadas pela água, cortando florestas petrificadas de estalactites e estalagmites na complexidade dos desconcertantes peixes cegos exploradores de caverna e na vastidão insondável... Quem escavou esta terra oca debaixo do gelo previsto por Poe, por certos ocultistas alemães paranóicos, e por ufólogos malucos? Teria a Terra sido colonizada na época de Gonduana ou da Lemúria por alguma raça antiga? Seus esqueletos de répteis ainda estariam se desfazendo nos labirintos mais secretos e distantes deste sistema de cavernas? Águas paradas e dormentes, canais sem saída, poços estagnados distantes dos centros da civilização como Little America, Transport City, ou Nan Chi Han, lá embaixo, nos recessos escuros e poças das cavernas da Antártida, fungos e

samambaias albinas. Suspeitamos que sejam seres mutantes, com os dedos das mãos e dos pés entrelaçados como anfíbios, hábitos degenerados – kallikaks da Terra Oca, renegados lovecraftianos, eremitas, contrabandistas incestuosos e sorrateiros, criminosos fugitivos, anarquistas forçados a se esconder depois das guerras de entropia, fugitivos do puritanismo genérico, dissidentes das sociedades secretas chinesas e fanáticos do turbante amarelo, piratas das cavernas da costa da Índia, lixo brando pálido e sem vida dos proletários das majestosas indústrias de Tongue Thwait, da costa de Walgreen e da terra de Edsel-Ford – os trogloditas têm mantido viva por mais de duzentos anos a memória folclórica da Zona Autônoma, o mito de que algum dia ela aparecerá de novo... taoísmo, filosofia libertina, bruxaria da Indonésia, culto da Caverna Mãe (ou Mães), identificada por alguns estudiosos como a deusa javanesa do mar/lua Loro Kidul, por outros como um divindade menor da Seita da Estrela Polar do Sul, a "deusa Jade"... manuscritos (escritos em Bahasa Ingliss, o dialeto pidgin das cavernas profundas) contêm citações mutiladas de Nietzsche e e Chuang-tsé... O comércio consiste em ocasionais pedras preciosas e no cultivo de papoulas brancas, fungos, cerca de uma dúzia de diferentes espécies de cogumelos "mágicos"... O raso lago Érebo, com 5 milhas de diâmetro, polvilhado de ilhotas pinheiros negros, mantidos numa caverna tão vasta que às vezes cria seu próprio clima... A vila oficialmente pertence a Little America, mas, em sua maioria, os habitantes são troglos vivendo de seguro-desemprego – e a caverna profunda do país tribal estende-se no outro lado do lago. A ralé, artistas, viciados em drogas, feiticeiros, contrabandistas, vagabundos e pervertidos moram em hotéis de basalto e gesso caindo aos pedaços, incrustados até a metade por pálidas trepadeiras verdes; ao longo do lago, uma avenida de esquálidos cafés, empórios de pedras preciosas defendidos por ninjas armados, botecos chineses que oferecem sopa de macarrão com pequenos camarões, o hall enfeitado vistosamente de cristal para lentos dançarinos de folk ao som dos gamelões, rapazes praticando seus mudras em sonolentas tardes eletrônicas azul-escuras ao som de gongos sintéticos e metalofones... e sob o cais, talvez alguns poucos banhistas vacilantes ao largo da praia negra; perplexos, genuínos turistas de baixa renda no santuário atrás do bazar onde troglos pálidos e velhos entram em transe com fungos, babam e reviram os olhos, respiram os fumos do incenso pesado, tudo de repente parece ameaçadoramente brilhante, piscando com ênfase... uns poucos casos de dedos entrelaçados, mas os rumores de promiscuidade ritual são verdadeiros. Estava eu vivendo numa vila de pescadores troglos, do outro lado do lago de Érebo, num quarto alugado em cima da loja de iscas... preguiça rural e degenerados ritos supersticiosos de abandono sensual, o mistério larval e doentio dos troglos mutantes ctenóides e oprimidos, preguiçosos e sem viço...

Little America, tão cristã e livre de mutações, eugênica e ordeira, onde todos vivem conectados ao reino descartado de antigos softwares e holografias, tão euclidianos, newtonianos, limpos e patrióticos – Los Angeles nunca entenderá esta inocente feitiçaria suja, este "espiritualismo material". Esta escravidão aos desejos vulcânicos de gangues secretas de rapazes das cavernas como flores sorridentes jorrando em ereções-dínamo, pulsando pura vida, curvados e tesos como arcos, e o cheiro de água, musgo do lago, flores brancas que desabrocham durante a noite, jasmins e figueiras-do-inferno, urina, cabelo molhado de criança, esperma e lama... possuídos por espíritos das cavernas, talvez os fantasmas de alienígenas antigos agora vagando como demônios, procurando renovar prazeres da carne e de substâncias perdidos há muito. Ou talvez a Zona tenha já renascido, já um nexo de autonomia, um vírus do caos que se espalha em sua mais exuberante forma clandestina,

cogumelos brancos venenosos brotando dos pontos onde garotos troglos se masturbaram sozinhos no escuro...

2.21 Nietzsche e os Dervixes

Rendan, "Os Espertos". Os sufis usam um termo técnico, *rend* (adjetivo *rendi*, plural *rendan*), para designar alguém "esperto o suficiente para beber vinho em segredo sem ser pego": a versão dervixe da "dissimulação permissível" (*tagiyya*, que permite aos xiitas mentir sobre sua verdadeira afiliação para evitar perseguições e favorecer o propósito de sua propaganda).

Na esfera do "caminho", o *rend* esconde seu estado espiritual (*hal*) para contê-lo, trabalhá-lo alquimicamente, expandi-lo. Esta "esperteza" explica muito dos sigilos das Ordens, embora continue sendo verdade que muitos dervixes realmente quebraram as regras do Islã (*shariah*), ofendem a tradição (*sunnah*) e insultam os costumes de sua sociedade – o que lhes dá razão para um segredo *real*.

Ignorando-se o caso de "criminosos" que usam o sufismo como uma máscara – ou melhor, não o sufismo em si, mas o *dervixismo*, que na Pérsia é quase um sinônimo de maneiras transigentes e, portanto, de relaxamento social, um estilo de amoralidade genial e pobre, mas elegante – a definição acima ainda pode ser considerada tanto num sentido literal quanto metafórico. Isto é: alguns sufis violam a Lei ao mesmo tempo permitem que ela exista e continue a existir; e eles o fazem por motivos espirituais, como um exercício da vontade (*himmah*).

Nietzsche diz em algum lugar que um espírito livre não se move para que as regras ou mesmo para que sejam reformuladas, uma vez que é apenas quebrando as regras que ele se conscientiza de sua vontade de querer. Uma pessoa precisa provar (para si mesma, se não alguém mais) sua capacidade de romper com as regras do rebanho, de fazer sua própria lei e ainda assim não cair presa do rancor e do ressentimento próprios das almas inferiores que definem a lei e os costumes em QUALQUER sociedade. A pessoa precisa, com efeito, de um equivalente individual da guerra para atingir a transformação do espírito livre – necessita de uma estupidez inerente contra a qual possa medir o seu próprio movimento e inteligência.

Anarquistas às vezes postulam uma sociedade ideal sem lei. Os poucos experimentos anarquistas que lograram um breve êxito (os makhnovistas, Catalunha) fracassaram em sobreviver às condições da guerra que originaram sua existência – dessa forma, não temos meios de saber empiricamente se tais experimentos poderiam ter sobrevivido no início da paz.

Alguns anarquistas, no entanto – como nosso falecido amigo, a "Marca" stirneriana italiana –, e até mesmo alguns que eram comunistas e socialistas, participaram de toda sorte de levantes e revoluções, porque encontraram, no momento da insurreição em si, o tipo de liberdade que buscavam. Enquanto a utopia tem, até agora, sempre fracassado, os anarquistas individualistas ou existencialistas têm logrado êxito visto que têm obtido (embora brevemente) a realização de sua vontade durante a guerra.

As restrições de Nietzsche aos "anarquistas" são sempre endereçadas ao tipo mártir comunista-igualitário narodnik, cujo idealismo ele via como mais um sobrevivente do mo-

ralismo pós-cristão – embora ele algumas vezes os elogie por ao menos terem a coragem de se revoltar contra a autoridade majoritária. Ele nunca menciona Stirner, mas acredito que teria classificado o rebelde individualista como um dos mais altos tipos de "criminosos", que representavam para ele (assim como para Dostoievski) seres humanos muito superiores à multidão, mesmo se tragicamente traídos por suas próprias obsessões e possíveis motivos de vingança ocultos.

O super-homem nietzschiano, se existisse, teria de compartilhar, até certo grau, dessa "criminalidade", mesmo se superasse todas as suas obsessões e compulsões, simplesmente porque sua lei nunca poderia concordar com a lei das massas, do Estado e da sociedade. Sua necessidade de "guerra" (seja literal ou metafórica) poderia até mesmo persuadi-lo a participar da revolta, tenha ela assumido a forma de insurreição ou apenas uma boemia orgulhosa.

Para ele, uma "sociedade sem lei" poderia Ter valor apenas enquanto pudesse medir sua própria liberdade contra a sujeição de outros, contra seus ciúmes e ódios. As breves "utopias piratas" sem lei de Madagascar e do Caribe, a República de Fiume de D'Annunzio, a Ucrânia ou Barcelona – essas experiências o atrairiam, porque prometia o tumulto do porvir e até mesmo a possibilidade do "fracasso" em vez da bucólica sonolência de uma "perfeita" (e portanto morta) sociedade anarquista.

Na ausência de tais oportunidade, esse espírito livre teria desdenhado perder tempo com agitações para reformas, com protestos, com sonhos visionários, com todo tipo de "martírio revolucionário" – em suma, com a maior parte da atividade anarquista contemporânea. Para ser *rendi*, para beber vinho em segredo e não ser pego, para aceitar as regras a fim de violá-las e assim atingir a elevação espiritual ou o transe energético do perigo e da aventura, a epifania privada da superação de toda polícia interior ao mesmo tempo em que se engana toda autoridade externa – tal poderia ser uma meta válida para esse espírito e essa poderia ser sua definição de crime.

(Incidentalmente, acho que esta leitura talvez explique a insistência de Nietzsche pela MÁSCARA, pela natureza dissimulada do proto-super-homem, que perturba até mesmo os comentarias mais inteligentes, embora algo liberais, como Kaufman. Os artista por mais que Nietzsche os ame, são criticados por *contar segredos*. Talvez ele tenha falhado ao considerar que – parafraseando Allen Ginsberg – este é *nosso* modo de nos tornarmos "grandes"; e também que – parafraseando Yeats – até mesmo o mais verdadeiro dos segredos torna-se uma outra máscara.)

Sobre o movimento anarquista de hoje: pelo menos uma vez, gostaríamos nós de pisar num solo onde as leis são abolidas e o último padre é enforcado com as tripas do último burocrata? Sim, claro. Mas não nutrimos grandes expectativas. Há certas causas (para citar Nietzsche de novo) que nunca abandonamos completamente, nem que seja apenas em função da mera insipidez de todos os nosso inimigos. Oscar Wilde poderia ter dito que não se pode ser um cavalheiro sem ser um pouco anarquista – uma paradoxo necessário, como a "aristocracia radical" de Nietzsche.

Isso não é apenas uma questão de dandismo espiritual, mas também de compromisso existencial com uma espontaneidade subjacente, com um "Tao" filosófico. Apesar do desperdício de energia pela sua Própria falta de forma o anarquismo, entre todos os ISMOS, aproxima-se daquele único *tipo* de forma que pode nos interessar hoje, aquele estranho atrator, a forma do *caos*, que (uma última citação) se deve ter dentro de si, no

caso de dar à luz a uma estrela dançarina.

— Equinócio de Primavera, 1989

2.22 Resolução para os anos 1990: Boicote à Cultura Policial!!!

Se podemos dizer que um personagem ficcional tem dominado a cultura popular atual, esse personagem é o policial. Os meganhas desgraçados estão em todo lugar. É pior do que na vida real. Que chateação incrível.

Policiais poderosos – protegendo os manos e humildes – à custa de mais ou menos meia dúzia de artigos da declaração doas Direitos Civis – "Dirty Harry". Ótimos policiais, humanos, lidando bem com a perversidade humana, agridoces, você sabe, durões e arrogantes, mas mesmo assim, meigos por dentro: *Hill Street Blues* – o mais maléfico programa de TV de todos os tempos. Tiras negros sabichões fazendo observações espirituosas e racistas contra tiras brancos e jecas, mas todos se amando no final – Eddi Murphy, traidor da classe. Numa dessa histórias masoquistas, vemos policiais corrompidos que ameaçam implodir nossa Realidade Konfortável e Konsensual, como tênias solitárias desenhadas por Giger[30], mas que naturalmente são detonados na hora H pelo último policial honesto, Robocop, amálgama ideal de próteses e pieguice.

Somos obsediados por policiais desde o início – mas os guardas de outrora atuavam como tolos empavonados. *Car 54, Where Are You?*[31], trouxas feitos na medida para serem arrasados e ridicularizados por Fatty Arbuckle ou Buster Keaton. Mas, no drama ideal dos nossos dias, o "pequeno homem", que uma vez detonou centenas de varejeiras azuis com aquela bomba anarquista inocentemente usada para acender um cigarro – o Vagabundo, a vítima com o repentino poder do coração puro –, não tem mais um lugar no centro da narrativa. Antes, "nós" éramos aquele vagabundo, aquele herói caótico quase surrealista que, através do *wu-wei*[32], sai-se vitorioso sobre ridículos meganhas de uma Ordem irrelevante e desprezível. Mas, agora, "nós" estamos reduzidos ao status de vítimas *sem poder*, ou criminosos. Já não representamos o papel principal; já não somos os heróis de nossas próprias histórias, fomos marginalizados e substituídos pelo Outro, o policial.

Dessa forma, o show policial possui apenas três personagens – a vítima, o criminoso e o policial –, mas os dois primeiros não logram ser completamente humanos – apenas o meganha é *real*. Estranhamente, a sociedade humana de agora (como percebida pelas outras mídias) algumas vezes parece ser constituída pelos mesmos três clichês/arquétipos. Primeiro, as vítimas, as minorias chorosas reclamando por seus "direitos" – e, por deus, quem *não* pertence a alguma "minoria" hoje? Porra, até mesmo os meganhas reclamaram que seus "direitos" estavam sendo infringidos. Depois, os criminosos: em sua maioria, não brancos (apesar da obrigatória e delirante "integração" mostrada pela mídia), muitos pobres (ou então obscenamente ricos, e portanto ainda mais distantes) e pervertidos (isto

[30]H.R. Giger, desenhista suíço, criador do design do filme Alien – O Oitavo Passageiro (1940-). (N.E)

[31]Seriado policial norte-americano da década de 1960. (N.E)

[32]No taoísmo, a ação que realiza seu propósito fluindo de acordo com a natureza das coisas e eventos (N.T)

é, os espelhos proibidos de "nossos" desejos). Ouvi dizer que uma em cada quatro casas nos Estados Unidos é assaltada todo ano e que todo ano cerca de meio milhão de pessoas são presas só por fumar maconha. Diante de tais estatísticas (mesmo pressupondo que elas não passam de "mentiras deslavadas"), perguntamos a nós mesmo quem NÃO é vítima ou criminoso em nosso estado-de-consciência-policial. Os detetives policias devem fazer a mediação por *todos nós*, por mais que a interface seja obscura – eles são apenas sacerdotes-guerreiros, embora profanos.

O *America's Most Wanted* – o programa de TV mais bem-sucedido dos anos 1980 – possibilitou para todos nós o papel de tira amador, até então uma mera fantasia da mídia produzida pelos sentimentos de ressentimento e vingança da classe média. Naturalmente, ninguém é mais odiado pelo policial da vida real do que aqueles que resolvem cuidar da própria comunidade – veja o que acontece às iniciativas de autoproteção comunitária de vizinhanças pobres e/ou não brancas, como os muçulmanos que tentaram eliminar o tráfico de crack no Brooklyn: os tiras afugentaram os muçulmanos, os traficantes ficaram livres. Vigias de verdade ameaçam o monopólio do cumprimento da lei, *lèse majesté*, o que é mais abominável do que incesto ou assassinato.

Mas os vigilantes da mídia (mediados) funcionam perfeitamente bem dentro do estados Policial. De fato, seria mais acurado considerá-los *informantes não pagos* (eles nem mesmo possuem um conjunto de malas que combinam!): emissários telemétricos, pombos eletrônicos, dedos-duros por um dia.

O que é que a "América mais procura"? Essas frase refere-se aos criminosos – ou a crimes, a objetos de desejo em sua presença real, não representados, não mediados, literalmente roubados e apropriados? A América mais procura... dar um "foda-se" para o trabalho, abandonar o casamento, drogar-se (porque somente as drogas fazem você se sentir tão bem quanto as pessoas que aparecem nos comerciais de TV parecem se sentir), fazer sexo com ninfetas núbeis, sodomia, arrombamentos, sim, o inferno! Quais prazeres não mediados NÃO são ilegais? Até mesmo churrascos ao ar livre violam regulamentos sobre emissão de fumaça, hoje em dia. As diversões mais simples acabam por infringir alguma lei; por fim, o prazer torna-se estressante, apenas a TV permanece – e o prazer da vingança, a traição vicária, a emoção doentia do mexerico. A América não pode ter o que ela mais procura, então, em vez disso, ela tem o *America's Most Wanted.* Uma nação de bobalhões ginasianos lambendo o rabo de uma elite de brutamontes ginasianos.

É claro que o programa ainda sofre de algumas poucas e estranhas distorções da realidade: por exemplo, os segmentos dramatizados são interpretados no estilo cinema-verdade por *atores*; alguns telespectadores são tão estúpidos que acreditam que estão assistindo a uma filmagem real de crimes reais. Por isso, os atores são continuamente importunados e mesmo presos, junto com (ou no lugar de) os verdadeiros criminosos cujas fotos de identificação são exibidas depois de cada pequeno documentóide. Que curioso, não? Ninguém experimenta nada de verdade – todos estão reduzidos ao status de fantasmas – imagens da mídia se descolam e se deslocam de qualquer contato com a vida real de cada dia – telessexo – sexo virtual. A transcendência final do corpo: cibergnose.

Os policiais da mídia, assim como os seus precursores televangélicos, preparam-nos para o advento, a vinda final ou o Êxtase do estado policial – as "guerras" ao sexo e às drogas – controle total e totalmente esvaziado de qualquer conteúdo; um mapa sem coordenadas, em nenhum espaço conhecido; muito além do mero Espetáculo; puro êxtase

("permanêcia-fora-do-corpo"); simulacro obsceno; violentos espasmos sem significado elevados ao último princípio de governo. A imagem de um país consumido por imagens de ódio a si mesmo, guerra entre as metades esquizóides de uma personalidade dividida, Super-Ego contra Id Kid, para o campeonato de pesos pesados de uma paisagem abandonada, queimada, poluída, vazia, desolada, irreal.

Assim como o romance policial é sempre um exercício de sadismo, o seriado policial, sempre envolve a contemplação do *controle*. A imagem do inspetor ou detetive mede a imagem de "nossa" falta de substância autônoma, nossa transparência ante o olhar fixo da autoridade. Nossa perversidade, nossa impotência. Não importa se o consideramos "bons" ou "maus", nossa invocação obsessiva dos espectros policiais revela a extensão da nossa aceitação da perspectiva maniqueísta que eles simbolizam. Milhões de meganhas minúsculos formigam em toda parte, como larvas de fantasmas famintos – eles enchem a tela, como no famoso filme de Keaton, abarrotando o primeiro plano, uma Antártica onde nada se move a não ser multidões de sinistros pingüins azuis.

Propomos uma exegese hermenêutica e esotérica do slogan surrealista "*Mort aux vaches!*" Não o usamos ao nos referir à morte de policiais individuais ("vacas" na gíria da época) – o que seria uma mera fantasia de vingança esquerdista – sadismo mesquinho às avessas –, mas à morte da *imagem do policial*, o Controle interior e suas miríades de reflexos no Lugar Nenhum da mídia – o "quarto cinza", como Burroughs o chama. Autocensura, medo do próprio desejo, "consciência" com a voz interiorizada da autoridade consensual. O assassínio dessas "forças de segurança" de fato libertaria uma enchente de energia libidinosa, mas não a violenta irrupção prevista pela teoria da Lei e da Ordem. A "auto-superação" nietzschiana provê o princípio da organização para o espírito livre (e também para a sociedade anarquista, ao menos em teoria). Na personalidade do estado policial, a energia libidinosa é represada e desviada para a auto-repressão; qualquer ameaça ao Controle resulta em espasmos de violência. Na personalidade do espírito livre, a energia flui desimpedida e portanto turbulenta, mas gentil – o seu caos encontra o seu estranho atrator, permitindo que novas ordens espontâneas surjam.

Assim, clamamos por um boicote à imagem do Policial e por uma moratória da sua produção na arte. Assim...

MORT AUX VACHES!